

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

EDUARDA MARCON ALVES

**A PARTICIPAÇÃO FEMININA DURANTE A RESISTÊNCIA ITALIANA
(1943-1945)**

**SANTANA DO LIVRAMENTO
2022**

EDUARDA MARCON ALVES

**A PARTICIPAÇÃO FEMININA DURANTE A RESISTÊNCIA ITALIANA
(1943-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Fundação Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Carletti

Apto para a defesa



**SANTANA DO LIVRAMENTO
2022**

EDUARDA MARCON ALVES

**A PARTICIPAÇÃO FEMININA DURANTE A RESISTÊNCIA ITALIANA
(1943-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Fundação Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e aprovado em: 19 / 01 / 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Anna Carletti
Orientadora

(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Amanda Muniz de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

(UFJF)

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento

(UNIPAMPA)

À minha querida mãe Catana, cujo empenho em me educar sempre veio em primeiro lugar. Aqui estão os resultados dos seus esforços. Obrigada mãe.

AGRADECIMENTOS

A vida tem sido tão generosa comigo, que colocou pessoas sensacionais ao longo da minha trajetória até aqui. Agradeço, inicialmente, aos meus maiores exemplos de luta e persistência. À minha mãe, a pessoa que me trouxe pro mundo, me cercou de amor, carinho e afeto, me ensinou a questionar sobre as injustiças do mundo, me ensinou a questionar qualquer tipo de preconceito, inclusive a nunca esconder a minha surdez e bater de frente com quem falasse que eu não era capaz, ou que não seria capaz. “Minha filha, tu pode tudo, basta que te dedique”. Houve uma época da escola em que eu não escutava, e a minha mãe escrevia tudo que os professores falavam no gravador no caderno pra mim, para que eu pudesse ler e entender.

Se eu estou aqui hoje me formando em Relações Internacionais, grande parte vem dos esforços e das motivações diárias por parte dela. Durante toda a minha trajetória estive sempre pronta para me acolher, e pela certeza de que sempre estaria ao meu lado no que eu decidisse fazer, desde que eu fosse feliz, praticasse o bem e fosse justa comigo e com o outro. Meu pai, exemplo de homem batalhador, que sempre se esforçou acordando para trabalhar na fazenda, seja na chuva, no frio, ou até mesmo no sol escaldante para que eu tivesse as melhores oportunidades, pudesse focar em estudar e correr atrás dos meus sonhos. “Minha filha, estuda porque a caneta é mais leve que a pá” ele dizia sempre, e esteve presente em qualquer momento quando eu precisasse, desde 1999. Obrigada pai, por tanto. Espero que nessa vida haja tempo suficiente para eu possa retribuir vocês dois.

Ao meu irmão mais velho Guilherme, que mesmo com a distância sempre se fez presente e vibrou comigo as minhas conquistas e foi um ombro amigo quando precisei. Ao meu irmão mais novo, Pedro, que mesmo tão pequeno, já entende os motivos da minha ausência para os estudos, e é o grande motivador para que eu corra atrás de um mundo mais justo e igualitário. Obrigada Pepe, por ser o motivo das minhas maiores alegrias.

Não poderia deixar de agradecer ao meu implante coclear, essa tecnologia incrível que me permite ouvir e me acompanhou todos esses anos, sem me deixar na mão. Aos meus avós maravilhosos Ivone, Vera, Celso e Olímpio que possuem uma grande importância na minha formação como ser humano, e sempre me incentivaram a buscar o melhor. Aos meus tios, especialmente a minha querida Naiana Marcon, que esteve comigo desde idas e vindas de Santana do Livramento para Alegrete. Ainda, gostaria de agradecer a minha tia Irma que durante o processo de estudo para o vestibular me recebeu em sua casa com todo o amor e carinho do mundo, e

mantive os cuidados comigo até o final da graduação, mesmo a distância fazendo uma ligação às vezes para saber como andava o famoso TCC. Estendo os meus agradecimentos a todos familiares que de alguma forma torceram por mim e vibraram com as minhas conquistas.

Aos meus amigos de Santana do Livramento que durante esses anos de faculdade estiveram do meu lado estudando comigo enquanto tomávamos mate, e me fazendo ainda mais feliz. A Universidade Federal do Pampa me proporcionou amizades que eu jamais esquecerei. Citar nomes pode me conduzir ao erro, mas eu não poderia deixar de colocar um agradecimento especial para as minhas “tako amigas” que estiveram comigo nos momentos mais difíceis durante esses anos, foram muito mais que amigas e vizinhas, um ombro amigo todas as vezes que precisei, seja para tomar um mate durante a pausa dos estudos, para ficar com a minha Kira Maria para que eu pudesse apresentar trabalho em outra cidade. Obrigada Nicolý, Juliana, Carolina e Teodora.

A minha querida amiga Bruna Vaz que esteve comigo desde que eu me entendo por gente, e aos meus queridos amigos do baita chão, Bianca Souto, Rafael Wasquevite e Rayene Soares, que estão comigo desde o ensino fundamental. Vocês são muito especiais para mim, e ter a amizade de vocês em um momento como esse faz a vida ficar mais leve. Aos meus cachorros Pitty (in memorian), Kira e Vamp, que estiveram comigo nas longas madrugadas de estudo.

Agradeço as partigianas que além de lutarem pela liberdade, se propuseram em escrever autobiografias para que a sua história nunca fosse esquecida, e para que hoje eu possa estudar sobre. Além disso, agradeço a todas as mulheres que se dedicaram a estudar a história das mulheres, o feminismo, a Resistência e tudo aquilo que eu cito neste trabalho.

Gostaria de agradecer a toda equipe que compõe a Universidade Federal do Pampa, à todos os docentes do curso de Relações Internacionais que nunca mediram forças para que o curso fosse de grande qualidade e reconhecimento, em especial Flávio Augusto, Rafael Balardin, Rafael Schmidt, Kamilla Rizzi, Fábio Bento, Renatho Costa e Nathaly Xavier, como também a professora Amanda Muniz com a qual tive a oportunidade de fazer as minhas duas últimas cadeiras sobre temas relacionados a feminismo, e vieram a contribuir muito para esta pesquisa.

Por último, mas não menos importante, a minha orientadora Anna Carletti, que me assistiu em todas as etapas deste trabalho, foi também uma grande amiga durante esses anos. Anna, non potrò mai ringraziarti abbastanza per ogni minuto che hai dedicato al tuo tempo per aiutarmi e tenermi motivata nella preparazione di questo lavoro. Senza le tue conoscenze e dedizione, questo lavoro non sarebbe stato così interessante. Soprattutto, la ringrazio per essere un essere umano empatico con i suoi studenti. **“Gracias a la vida que me ha dado tanto!”**

E le genti che passeranno

o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!

E le genti che passeranno

Ti diranno «Che bel fior!»

«È questo il fiore del partigiano»,

o bella, ciao! bella, ciao! bella, ciao, ciao, ciao!

«È questo il fiore del partigiano

morto per la libertà!»

(BELLA CIAO)

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a contribuição das mulheres partigianas na resistência italiana durante o período de 1943 a 1945. A Primeira e Segunda Guerra Mundial somadas ao fascismo contribuíram gradualmente para mudança da sociedade patriarcal italiana. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial surge a primeira oportunidade para que as mulheres conseguissem certa autonomia, ocorre um grande retorno das mulheres ao setor industrial, onde elas passam a ocupar o interior das fábricas como operárias na fabricação de explosivos e armas. Ao mesmo tempo as mulheres se tornaram chefes de família, e as mulheres trabalhadoras do campo passaram a ter mais reconhecimento. De acordo com a pesquisa elaborada, constatou-se que no período entre a Segunda Guerra Mundial até a liberação em 1945, mulheres em todo o país, de diferentes camadas sociais, ocuparam posições importantes, realizando ações com as brigadas, arriscando a vida atuando como *staffette* reunindo informações nas cidades, no campo e nas montanhas, ocupando assim, diferentes posições ao longo da resistência, além de atuarem como combatentes em grupos clandestinos, como o GAP, SAP e GDD. Sendo assim, a pesquisa aponta que sem o árduo trabalho e dedicação das mulheres, a Resistência não teria se desenvolvido.

Palavras-chave: Estudos da Mulher. Resistência. Fascismo. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the contribution of partisan women in the Italian resistance during the period from 1943 to 1945. The First and Second World War added to fascism gradually contributed to the change of Italian patriarchal society. With the outbreak of the First World War, the first opportunity for women to achieve some autonomy arises, there is a great return of women to the industrial sector, where they begin to occupy the interior of factories as workers in the manufacture of explosives and weapons. At the same time, women became heads of families, and rural women workers began to receive more recognition. According to the elaborated research, it was found that in the period between the Second World War until the liberation in 1945, women throughout the country, from different social strata, occupied important positions, carrying out actions with the brigades, risking their lives acting as *staffette* gathering information in the cities, in the countryside and in the mountains, thus occupying different positions throughout the resistance, in addition to acting as fighters in clandestine groups, such as the GAP, SAP and GDD. Therefore, the research points out that without the hard work and dedication of the women, the Resistance would not have developed.

Key-words: Women's Studies. Resistance. Fascism. Second World War.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Líderes da União Social e Política das Mulheres	22
FIGURA 2 - Marcha das mulheres nos Estados Unidos.	29
FIGURA 3 - Grupo de mulheres	45
FIGURA 4 - União nas ruas	47
FIGURA 5 - Grupo de Partigianas em Montefiorino .	51
FIGURA 6 - Partigiana Olema Righi, nome de batalha “Wanda”.	54
FIGURA 7 - Irma Bandiera, nome de batalha Mimma.	63
FIGURA 8 - Arquivo histórico Noi Donne	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HISTÓRIA DAS MULHERES	16
1.1 Surgimento e evolução do campo de estudo	16
1.2 A evolução histórica dos movimentos feministas	19
2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DURANTE O FASCISMO	35
2.1 A influência do regime fascista italiano na redefinição do papel social das mulheres	37
2.2 Processo emancipatório feminino	54
3 LUTA PARTIGIANA	57
3.1 Gruppi di Azione Patriottica (GAP)	57
3.2 Squadre d' Azione Patriottica (SAP)	65
3.3 Gruppi di Difesa della Donna (GDD)	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

INTRODUÇÃO

O feminismo, no decorrer de sua história, foi alvo de ocultamento e de falácias, onde as pessoas afirmavam que o feminismo deveria ser combatido. O desejo da mulher, os direitos da mulher e a igualdade foram invalidados. No medievo ocidental, a figura simbólica de Eva do texto bíblico foi instrumentalizado para descrever as mulheres como cidadãs de segunda classe, transformadas em propriedade privada. Com o mundo medieval em crise no século XIV devido a revoltas populares, peste negra e guerras surge um novo modelo econômico, o capitalismo.

A partir deste novo modelo se tem uma sobrecarga de trabalho, gerando a exploração do trabalho a partir da crise do século. No decorrer do processo de consolidação do capitalismo, os corpos femininos foram violentados e realocados para o ambiente doméstico. A Primeira e Segunda Guerra Mundial somadas ao fascismo contribuíram gradualmente para haver uma mudança na sociedade patriarcal italiana. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial ocorre a primeira oportunidade para que as mulheres obtenham certa autonomia. Em primeiro lugar, se dá um grande retorno das mulheres ao setor industrial, onde ocuparam o interior das fábricas como operárias na fabricação de explosivos, armas, as mulheres se tornaram chefes de família. Além disso, significou também o reconhecimento das mulheres trabalhadoras no campo. Em resumo, as mulheres ocuparam o lugar dos homens alistados no exército (MAFAI, 2008).

Para compreensão da análise da história das mulheres durante a Resistência italiana faz-se necessário explicar brevemente dois conceitos principais, sendo eles o significado de partisan e o conceito de Resistência. A teoria do partisan nasce em meados de 1963, por um trabalho realizado pelo cientista político Carl Schmidt onde o objetivo do autor é discutir as transformações dos conceitos de inimigo e guerra que o advento histórico e o desenvolvimento da figura do partidário produziram. Schmidt (2005), destaca que se pode definir como partisan aquele que luta por um partido ou facção, aquele que apoia um poder, um estado, ou até mesmo uma ideologia. A partir disso, destaca quatro elementos que definem o partigiano.

Em primeiro lugar, a irregularidade: o partidário pode ou não carregar armas, pode ser um voluntário ou ser um combatente profissional. Além disso, não possui um uniforme, e visto que não pertence a uma grande organização bem definida não possui uma função pré-estabelecida. Em segundo lugar, mobilidade: o combatente é menos previsível em seus movimentos, conforme Schmidt (2005) isto fornece uma vantagem, dificultando para que o inimigo o reconheça,

considerando que não possuem um uniforme, qualquer civil pode ser um partigiano.

Em terceiro lugar, o compromisso político: Schmidt (2005) cita como exemplo o compromisso político dos guerrilheiros espanhóis na Guerra Peninsular contra Napoleão em 1808. E por último, o caráter histórico, sabe-se que o combatente possui uma grande capacidade de organizar o meio, dado que conhece o meio onde está inserido, adaptando facilmente suas necessidades, sendo um benefício estratégico contra o inimigo.

A Resistência italiana, ou também chamada Resistência partigiana foram movimentos políticos e militares contra o nazifascismo durante o período entre 1943 a 1945. A partir da necessidade da liberdade nasce o movimento de oposição política, muitas vezes desenvolvido de maneira clandestina, motivado por diversas razões. O conceito de Resistência esteve diretamente ligado ao conceito de luta armada contra o invasor, especulando que seriam homens armados defendendo sua pátria, uma história contada por homens (FRANZINELLI, FLORES, 2019).

No período entre a Segunda Guerra Mundial até a liberação em 1945, mulheres em todo o país, de diferentes camadas sociais, ocuparam posições importantes, realizando ações com as brigadas, arriscando a vida atuando como *staffette* reunindo informações nas cidades, no campo, nas montanhas, as mulheres ocuparam diferentes posições ao longo da resistência. De certo modo, a guerra rompeu com certos comportamentos, com relações de gênero, enquanto significou uma grande mudança para as mulheres, que se tornaram um pouco mais independentes e seguras da própria capacidade. Dessa forma, com a Resistência, inicia um movimento de emancipação feminina, a partir do qual protagonistas irão em busca de novos direitos trabalhistas e econômicos.

O presente trabalho pretende responder ao seguinte questionamento: qual a contribuição das mulheres partigianas na Resistência italiana durante o período de 1943 a 1945? Nesse sentido, a hipótese levantada por esta pesquisa é de que as mulheres partigianas de diferentes classes sociais, faixa etárias, representaram um fator fundamental na luta contra o nazi-fascismo. Em um primeiro ponto, foram além dos afazeres domésticos desafiando a sociedade patriarcal, lutando lado a lado com os homens, assumindo um papel ainda mais perigoso, uma vez que, ao serem descobertas, sofriam também com a violência sexual. As mulheres partigianas substituíram os homens no ambiente trabalhista, significando uma volta das mulheres para o setor industrial, e no campo, ao mesmo passo que se tornaram chefes de família, lutaram desafiando o papel social de gênero, assumido brigadas inteiras, bem como, grupos clandestinos.

Destarte, a pesquisa se justifica na relevância do tema dentro das Relações Internacionais. Primeiramente, no passar das últimas décadas, as questões relacionadas ao gênero, ao lugar que a mulher pertence e o papel que exerce, ganharam visibilidade dentro das ciências humanas. Na disciplina de Relações Internacionais, tem seu início através do Terceiro Debate. Em vista disso, com o fim da Guerra Fria surgem novos debates, dentre eles as Teorias Feministas, elencadas como teorias pós-modernas que apontam novas perspectivas de análise do cenário atual, carregando pautas relacionadas a identidade de gênero, buscando a igualdade entre homens e mulheres no âmbito social, econômico, cultural e político.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição das mulheres partigianas na Resistência italiana durante o período de 1943 a 1945. Além disso, possui objetivos específicos:

- I. Evidenciar a importância da História das Mulheres para a compreensão dos fatos históricos analisando seu surgimento e evolução.
- II. Descrever a participação das mulheres italianas no período da Segunda Guerra Mundial.
- III. Analisar de que forma as mulheres partigianas participaram da organização e funcionamento dos grupos como GAP (Gruppi di Azione Patriottica), SAP (Squadre d’Azione Patriottica), Gruppi di Difesa della Donna (GDD) durante a Segunda Guerra Mundial, mensurando as características e os trabalhos exercidos. A esse fim, serão escolhidas cinco mulheres de diferentes localizações da Itália, visando analisar o contexto o qual estavam inseridas, considerando suas posições sociais, papéis sociais de gênero no decorrer da Resistência e na luta armada partigiana, como Carla Capponi, Irma Bandiera, Amalia Geminiani, Edera de Giovanni e Ada Gobetti.

Para o desenvolvimento deste trabalho será empregado o método qualitativo, que consoante com Lakatos e Marconi (2010), busca analisar e interpretar os aspectos profundos das relações e comportamentos humanos. Além disso, por uma pesquisa descritiva com base em livros e artigos publicados, bem como, também análises documentais. O presente trabalho se divide em três capítulos, o primeiro tratará do contexto-histórico do surgimento do campo de estudos voltado para a história das mulheres, evidenciando a importância do feminismo, explicando o decorrer das três ondas feministas. Além disso, explica-se as Teorias Feministas que trazem um olhar mais justo e humanitário para as Relações Internacionais. O segundo capítulo abordará a condição feminina durante o regime fascista e de que forma impactou na redefinição do papel social das mulheres. O terceiro, e último capítulo

apresentará a participação e contribuição das mulheres na luta armada através dos grupos como *Gruppi di Azione Patriotica*, *Squadra d’Azione Patriotica* e *Gruppi di Difesa della Donna*, evidenciando a trajetória de sete mulheres italianas que colaboraram para alcançar a liberação do nazifascismo.

1 HISTÓRIA DAS MULHERES

1.1 Surgimento e evolução do campo de estudo

Este primeiro capítulo busca analisar o surgimento e evolução do campo de estudo relacionado às mulheres e sua história, a partir da mobilização das mulheres dentro da academia ocasionado pelas primeiras movimentações feministas, identificadas como a primeira onda. Além disso, procura entender as teorias feministas e sua importância para a compreensão dos fatos históricos. O campo de estudo sobre as mulheres abrange diversas perspectivas, como das ciências naturais, sociais, do direito, e das artes, representando desta forma, um dos campos acadêmicos mais diversificados. Para uma melhor compreensão do tema, considera-se analisar um dos conceitos centrais dos movimentos feministas, a saber, o conceito de gênero. Segundo Scott (1986, p. 14) “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Conforme mencionado em Scott (1995), o ponto de partida entre a história das mulheres e a política surge com os movimentos feministas no decorrer dos anos 60, simultaneamente em várias partes do mundo, buscando aumentar a participação das mulheres na esfera política. Os Estudos da Mulher como campo de estudo foram negligenciados por parte de professores conservadores, alunos e administradores das universidades que não consideravam essa temática como um objeto a ser estudado, e sim como manifestação de “vitimismo” ou exagero por parte daquelas que o estudavam. Os Estudos da Mulher é uma área inédita que não parece se encaixar no currículo acadêmico tradicional. Para alguns críticos que estremecem com a interdisciplinaridade ou não a entendem, o campo significa simplesmente mulheres se reunindo e reclamando. Salienta-se ainda que para outros críticos, os Estudos da Mulher não conseguiria ser uma disciplina porque carecia de método científico (SMITH, 2013).

Ainda na década de 70 as mulheres já demonstravam sua participação, lutando contra governos ditadores, como destaca Smith (2013), em um contexto onde intelectuais afirmavam que as mulheres eram biologicamente e intelectualmente inferiores aos homens. Além disso, conforme cita Kergoat (2000), se cria uma crença baseada em fatores biológicas de que as mulheres são iguais entre elas e por essa razão devem ser criadas da mesma maneira para reproduzirem a mesma

função, enquanto da parte dos homens espera-se que sejam bem sucedidos, bem como, não realizem funções relacionadas ao ambiente familiar.

Em oposição, a escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo” aborda a condição da mulher ao longo da história, afirmando que desde os primórdios da civilização, as mulheres foram obrigadas a desempenhar um papel secundário desde os tempos mais distantes. Ainda que Simone de Beauvoir não se considerasse feminista e inicialmente não desejasse elaborar um trabalho de cunho político, o livro publicado em 1949 gerou grandes contribuições e serviu como base teórica para a Segunda Onda Feminista.

Em um primeiro ponto, Beauvoir (1949) questiona o que exatamente significa ser mulher, explicando que no francês homossexuais foram definidos como o terceiro sexo, dessa forma a mulher foi colocada como o segundo sexo, não estando em paridade e equidade com os homens que seriam o primeiro sexo. A mulher sempre foi o Outro, ou seja, foi definida no decorrer da história não por si mesma, mas pelo olhar e entendimento masculino.

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em Rapport d'Uriel: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o essencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1970. p. 11).

Prosseguindo, a primeira diferença destacada entre os sexos é que um homem nunca escreveria um livro problematizando a sua posição em uma determinada sociedade, pois ser homem é natural, visto como algo positivo. Para ilustrar isso, Beauvoir explica que a relação entre os dois sexos não é como a de duas eletricidades, o homem representa tanto o positivo quanto o negativo, a ponto de utilizarmos homens para referir-se a “seres humanos”. Por outro lado, a mulher é representada pela carga negativa. “A mulher aparece como negativa, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAUVOIR, 1970, p.9).

No segundo volume do livro, chamando atenção para as construções sociais que cercam as mulheres, Beauvoir afirma que não se nasce mulher, torna-se mulher. Em outras palavras, a natureza dos seres humanos depende de forças externas, adquirem identidade como resultado das circunstâncias, da forma tratadas pela sociedade ao longo de sua existência. As mulheres foram limitadas ao longo da sua existência, fazendo com o que suas escolhas também fossem limitadas,

especialmente em uma sociedade patriarcal. No que diz respeito às mulheres, a ideologia vai mais longe, de modo que, o corpo e a mente feminina são produtos da manipulação. As mulheres foram forçadas a corresponderem em todas as maneiras à ideia de natureza imposta sobre elas (WITTING, 2019). No decorrer da história, o homem foi visto como o possuidor do poder, enquanto as mulheres foram vistas como meras reprodutoras, como nos mostra Beauvoir (1949).

A história mostrou-nos que os homens sempre tiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, é-lhe entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é (BEAUVOIR, 1949. p. 179).

Ainda, o processo de tornar-se mulher começa na infância, onde a sociedade passa a diferenciar meninos e meninas. Meninas são ensinadas desde o início que devem ser delicadas, devem cuidar da família, do lar, assim como suas mães, enquanto os homens devem ser fortes, devem cuidar do dinheiro e do sucesso familiar, sem se preocupar com o doméstico propriamente dito. Por mais que no decorrer da história se tenha avançado nos estudos relacionados ao destino da mulher, ainda se entende que o destino para a felicidade absoluta feminina seja o casamento, que as mantêm seguras financeiramente.

Os Estudos da Mulher investigam a participação das mulheres na filosofia, na sociologia, na literatura, acercando as condições das mulheres, bem como, a instituição familiar, e a forma a qual os papéis sociais agiam e quais suas consequências, estreando nas disciplinas acadêmicas e nos cursos regulares. Em suma, os anos 70 foram cruciais para as mulheres no ambiente acadêmico. Smith (2013), afirma que:

No início, os Estudos da Mulher passaram a oferecer uma série de investigações disciplinares do passado e do presente sob as quais as mulheres vivenciavam, agiam e refletiam sobre o mundo. Inicialmente, o campo montou cursos sobre mulheres nas artes, sociologia das mulheres e papéis sexuais, mulheres na política e história das mulheres – para citar algumas das ofertas. Esses cursos eram revolucionários simplesmente porque traziam explicitamente o estudo das mulheres para um currículo acadêmico que era quase exclusivamente sobre homens (SMITH, 2013, p.12).¹

¹ At the beginning, Women's Studies came to offer a cafeteria-like array of disciplinary investigations of the past and present conditions under which women experienced, acted, and reflected upon the world. Initially, the field mounted courses in women in the arts, the sociology of women and sex roles, women in politics, and the history of women—to name a few of the offerings. Such courses were revolutionary simply because they explicitly brought the study of women into an academic curriculum that was almost exclusively about men (SMITH, 2013, p. 12).

No transcorrer, os Estudos da Mulher que eram majoritariamente femininos, passaram a ser interessantes para o público masculino também, abraçando cada vez mais esferas, atingindo os cursos de empreendedorismo. Na década de 80 se tem um avanço e começa-se a debater questões de gênero. A partir disso, o Estudo da Mulher adapta sua identidade, tornando-se Estudos da Mulher e gênero, ou somente, Estudos de Gênero.

1.1 A evolução histórica dos movimentos feministas

A primeira onda feminista acontece no século XIX, englobando as primeiras pautas voltadas aos direitos básicos femininos, como o direito a educação, reconhecimento como cidadãs, direito ao voto e as condições de trabalho feminina em um contexto em que as mulheres estavam estreando no mercado de trabalho. Apesar de o voto ter sido legalizado em alguns países europeus no decorrer da Primeira Guerra Mundial, não promoveu muitas melhorias nas condições dadas às mulheres.

No contexto da Revolução Francesa foi criado o Direito do Homem e do Cidadão, o qual estabelecia a liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, as mulheres não foram incluídas no documento, o que acarretou diversos movimentos por parte de intelectuais francesas como Olympe de Gouges e a britânica Mary Wollstonecraft.

O feminismo iluminista de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges compartilha da mesma crença na importância da educação e na universalidade de direitos, fazendo eco a Condorcet. É um feminismo que se opõe à escravidão dos africanos e indígenas e à escravidão doméstica. Ambas viveram tempos históricos em que a mulher estava excluída da educação formal, das universidades e das possibilidades de uma carreira de nível superior. E em que o casamento a transformou numa dependente legal do marido, que não podia gerir os próprios bens nem trabalhar (QUARTIM DE MORAES, 2016 p. 11).

Em três textos importantes escritos entre 1788 e 1793, Olympe de Gouges traz a voz da mulher para a arena pública, modulando e subvertendo os gêneros de discurso estabelecidos, onde garante os direitos a propriedade, patrimônio, liberdade, direitos conjugais e maternos. Os papéis das mulheres na sociedade francesa da época eram limitados, pois as mulheres não tinham permissão para participar de assuntos governamentais, impactando diretamente na vida das revolucionárias. Com a instabilidade política e social da época, Gouges escreveu “A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” à Rainha Maria Antonieta, e sobretudo, encorajando as mulheres a descobrirem seus direitos.

Art. 1º A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem basear-se na utilidade comum. Art. 2º O objetivo de toda associação política é a preservação dos direitos naturais e imprescritíveis da mulher e do homem. Esses direitos

são a liberdade, a propriedade, a segurança e, acima de tudo, a resistência à opressão. Art. 3º O princípio de toda soberania reside essencialmente na Nação, que é apenas a união da Mulher e do Homem: nenhum corpo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não emane expressamente dela. Art. 4º. A liberdade e a justiça consistem em devolver tudo o que pertence aos outros; assim o exercício dos direitos naturais da mulher não tem limites senão a perpétua tirania que o homem lhe opõe; esses limites devem ser reformados pelas leis da natureza e da razão (Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, Olympe de Gouges, 1791, Embaixada da França no Brasil).

Reforçando as reivindicações da Gouge, na Inglaterra, Mary Wollstonecraft escreveu “Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher”, uma obra tida como uma das pioneiras nos estudos feministas no ano de 1792, exigindo justiça para as mulheres, excluídas do papel de cidadãos pela Constituição Francesa apenas decretada. Wollstonecraft mencionava que a subordinação financeira feminina tanto ao país, irmãos e maridos, a falta de direito aos estudos e outros direitos básicos, faziam com que fossem tratadas como crianças e cidadãs de segunda classe.

Mary Wollstonecraft, foi uma intelectual libertária, uma ativista das causas dos oprimidos, cuja militância antiescravagista é hoje reconhecida oficialmente com sua introdução formal no panteão dos abolicionistas ingleses. Como outras mulheres intelectuais e emancipacionistas, Mary enfrentou obstáculos de natureza variada no decorrer da vida. Sua infância foi prejudicada pela violência paterna; foi autodidata; enfrentou os limites sociais de seu tempo para conseguir conquistar a autonomia financeira e sofreu os preconceitos moralistas com respeito à sua vida sexual e afetiva. À época do lançamento da Reivindicação, porém, já era uma intelectual de prestígio nos círculos de vanguarda da sociedade inglesa. Extremamente revolucionária para a época, a reivindicação foi traduzida para vários idiomas, tornando-se um referencial teórico para outras mulheres, precursoras do feminismo contemporâneo (QUARTIM DE MORAES, 2016 p. 11).

Para a sociedade pré-industrial, as mulheres deveriam ficar em casa cuidando do lar, aquelas que trabalhavam pertenciam à parte mais pobre da sociedade, principalmente na casa de outras mulheres. O impacto da Revolução Industrial no campo obrigava os pequenos produtores a deixarem suas casas, migrando para a zona urbana em busca de novas oportunidades em fábricas, a agricultura deixa de ser o motor da sociedade. A partir disso, os trabalhadores não vendiam mais seus produtos ou bens, mas vendiam seu tempo para os donos de fábricas. Com o assentamento do capitalismo e o surgimento das máquinas, geram uma série de transformações nas relações trabalhistas, visto que, o lucro é concentrado nas mãos dos poucos detentores de capital, e aqueles que não detém dos meios necessários, necessitam como única saída submeter e vender seu tempo e mão de obra para os detentores do capital (FRANÇA; SCHIMANSKI, 2008).

Para Hobsbawm (2000) a Revolução Industrial resultou em uma aceleração do crescimento, por efeito das transformações econômicas e sociais. A partir de 1840 surgem as primeiras indústrias, sobretudo a indústria do algodão. Ainda, o autor destaca que essa indústria adquiriu várias vantagens por se tratar de um investimento baixo, visto que aumentou a produtividade,

reduzindo o custo de produção, ou melhor, de unidade fabricada e a mão de obra por ser composta majoritariamente por mulheres e crianças, recebiam salários miseráveis.

Dos 12 mil trabalhadores nas indústrias algodoeiras de Glasgow em 1833, somente 2 mil ganhavam uma média de mais de 11 shillings por semana. Em 131 fábricas de Manchester os salários médios eram de menos de 12 shillings, e somente em 21 eram mais altos ". E a construção de fábricas era relativamente barata: em 1846, uma fábrica inteira de tecelagem, com 410 máquinas, incluindo o custo do terreno e dos prédios, podia ser construída por aproximadamente 11 mil libras²² (HOBSBAWM, 2000 p.29).

Além da baixa remuneração, para os proprietários contratar mulheres significava ser facilmente manipuladas, eram, maltratadas, espancadas e abusadas, e frequentemente aconteciam mortes no local de trabalho eram corriqueiras devido às péssimas condições de trabalho, em fábricas carregando materiais pesados e tóxicos, nas minas de carvão. O carvão foi uma das primeiras fontes de energia usadas em abundância, importante para o desenvolvimento da Revolução Industrial.

Nas fábricas onde a disciplina do operariado era mais urgente, descobriu-se que era mais conveniente empregar as dóceis (e mais baratas) mulheres e crianças: de todos os trabalhadores nos engenhos de algodão ingleses em 1834-47, cerca de um quarto eram homens adultos, mais da metade era de mulheres e meninas, e o restante de rapazes abaixo dos 18 anos (HOBSBAWM, 2000, p.33).

Conforme destacam Jesus e Almeida (2016), o princípio da emancipação feminina ocorre no século XIX, nas circunstâncias da Revolução Industrial, onde se torna necessária mais pessoas para manusear as máquinas, as mulheres foram implementadas como mão de obra barata. Enquanto trabalhavam nas indústrias, as mulheres ainda tinham que administrar o trabalho reprodutivo (do lar), obtendo uma jornada de trabalho dupla. Dessa forma, intensificando as desigualdades sociais e de gênero, dado que, o trabalho realizado no lar é visto como obrigação natural da mulher, normalizando e banalizando a exaustão física e mental das mulheres que vivem entre a esfera pública, ou seja, trabalho em fábricas e indústrias e a esfera privada como o trabalho doméstico.

Dessa forma, o feminismo da primeira onda se encarrega em questionar a divisão sexual entre homens e mulheres, direitos políticos, mas sobretudo, a liberdade de fazer suas próprias escolhas, direitos trabalhistas, visto que, as mulheres trabalhavam cerca de doze horas por dia, e ainda ao chegar em casa precisavam se dedicar aos afazeres domésticos, filhos e marido. Perrot (2005), destaca que as mulheres foram oprimidas por uma sociedade patriarcal onde o homem e o patrão se apoiavam, recebiam menos da metade que recebiam os homens, sem qualificações, e era visto como um trabalho complementar ao do homem, sempre em menor grau, mesmo que o

trabalho fosse mais duro. “A operária sofre uma dupla opressão: como mulher e como trabalhadora” (PERROT, 2005, p. 156).



FIGURA 1 - Líderes da União Social e Política das Mulheres, 1908. (FONTE: Annie Kenney e Christabel Pankhurst. Disponível em: <http://www.hastingspress.co.uk/history/sufpix.html>)

Ainda sobre Perrot (2005), evidencia que o surgimento das máquinas gerou a movimentação feminina nas fábricas, mas, além disso, a máquina de costura na segunda metade do século vinte vai pouco a pouco ligando o trabalho doméstico ao assalariamento. Mulheres passam a realizar poucos reparos de roupas em troca de valores em dinheiro, e consequentemente a chegada de outras tecnologias como a máquina de escrever, permite a entrada das mulheres em escritórios como datilógrafas.

Além disso, Karl Marx e Friedrich Engels no contexto da Revolução Industrial foram de suma importância para o desenvolvimento das análises socialistas referentes às situações das mulheres. Em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” (1884) Engels aborda que a condição da mulher recebe visibilidade uma vez que, a opressão das mulheres tem seu início de fato com a instituição privada, a partir de uma visão materialista. Como destaca Marcassa (2016), o desenvolvimento humano acompanha os progressos obtidos nas produções dos meios, ou melhor, “as épocas de progresso no desenvolvimento da humanidade coincidem com a ampliação das fontes de existência” (MARCASSA, 2016, p.85).

Na visão de Engels (1884) a opressão das mulheres tem um marco inicial, houveram sociedades passadas onde homens caçavam e as mulheres coletavam, realizavam atividades econômicas similares, igualmente importantes para a sobrevivência humana. Com o estabelecimento da agricultura, se tem uma mudança na estrutura familiar, com uma nova divisão sexual do trabalho.

A opressão às mulheres não surgiu no capitalismo, mas adquiriu neste modo de produção traços particulares. Ao despedaçar a antiga economia familiar, o capitalismo destruiu as bases econômicas do patriarcado, mas ao fazê-lo incorporou a opressão da mulher e a modificou, de modo que a opressão segue existindo só que agora sobre bases materiais distintas. Esse processo é o que explica o surgimento do que Clara Zetkin chamou de moderna questão da mulher e os movimentos de luta das mulheres por direitos democráticos (ANDREASSY, p.1, 2018).

Os Estudos da Mulher foram tomando forma em um contexto de constante questionamento com relação à ordem social, política e econômica. Desperta-se um objeto de estudo interessado em entender o cotidiano das mulheres pobres durante a sociedade pré-capitalista, mas com a necessidade de atualizar as teorias marxistas, visto que os manuscritos de Marx e Engels que analisavam as condições da mulher a luz do capitalismo já completaram um século, fazia-se necessário atualizar.

Do mesmo modo, buscou-se abranger os conceitos de cultura e trazê-los para os Estudos da Mulher, uma vez que, o meio o qual uma mulher está inserida pode fazer total diferença nas suas experiências ao longo da vida. A Índia como exemplo, se tornou um dos países mais avançados no campo de estudo sobre as mulheres, em rumo a igualdade entre homens e mulheres. Ainda, na década de 70 mulheres na América Latina enfrentaram governos antidemocráticos, enquanto ativistas mulheres na África envolviam-se em movimentos de libertação nacional, como, por exemplo, Moçambique e Angola.

Como resultado, os Estudos da Mulher modificaram a educação, gerando novas formas de pensar, e do mesmo modo, significou novas possibilidades para as mulheres dentro da academia, empenhou-se na busca de materiais relacionados a mulheres apagadas ao longo da história, ou o porquê suas presenças foram ignoradas, realizando uma releitura nas principais obras das ciências, psicologia e filosofia, a partir da visão dos estudos da mulher (SMITH, 2013).

A primeira onda do feminismo considerou que a igualdade política traria igualdade social, econômica e educacional. Mas, esta suposição se mostrou errada posteriormente. A desigualdade econômica e educacional ainda estava presente, portanto, se fez necessário a instauração da segunda onda feminista, buscando questionar o motivo de ainda existir opressão as mulheres. Da Silva (2021), menciona que o movimento da primeira onda foi idealizado sobretudo por mulheres brancas de classe média a alta que na maior parte das vezes possuíam um papel de destaque na sociedade. Inclusive, que gostariam de receber os direitos básicos como educação, e acreditavam serem consideradas inferiores especialmente pela falta de estudos, almejavam poder eleger seus candidatos e participar da vida política, rejeitavam o casamento como única saída para o sucesso da mulher imposto pela sociedade.

Paralelamente, às mulheres trabalhadoras, proletárias, de classe baixas possuíam outras reivindicações, incluindo a desigualdade econômica entre homens e mulheres, redução da jornada de trabalho. A partir dessas novas demandas surge o movimento operário feminino, levando nomes como Flora Tristan (1803-1844), Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Clara Zetkin (1857-1933), ficou a cargo destas mulheres revolucionárias auxiliarem a classe trabalhadora no combate às opressões e explorações.

Flora Tristan autora franco-prussiana escreve “União Operária” no ano de 1843, um grande trabalho para a luta feminina socialista, onde destaca a unificação da classe operária, emancipação proletária, equidade entre homens e mulheres e o direito à instrução. Ainda, os objetivos eram de constituir a classe operária por meio de uma união compacta, sólida e indissolúvel (TRISTAN, p. 169). CAMPOS (2021) menciona que Flora passou por grandes adversidades, desde o início de sua vida até durante o seu casamento, vítima de violência doméstica e precisou fugir de seu marido ainda grávida, sofrendo preconceito por sua condição. A autora buscou amparo no Peru, onde sua família paterna vivia, mas não foi aceita pela sociedade peruana, sendo assim, usufruir da situação e escreve sobre a sociedade opressora peruana, sendo uma das primeiras autoras femininas a exteriorizar as vivências das mulheres latino americanas.

Conforme cita Amarante (2010) essa opressão diferia da maneira que ocorria na Europa, uma vez que dependia das variações étnicas da população. Negras, índias, brancas ou mestiças, as mulheres latino-americanas sofriam de outra maneira o jugo de uma sociedade dominada pelos homens. Citar as circunstâncias às quais estava inserida faz-se importante uma vez que, a autora utiliza de suas vivências para posicionar-se a favor da emancipação feminina e do direito ao divórcio. Como também abordou a classe trabalhadora do século XIX inglesa, e a questão da industrialização do país.

No terceiro capítulo do livro “União Operária”, Tristan afirma que menciona as mulheres porque historicamente elas foram deixadas de fora da igreja, da lei, fora da sociedade, não há representação frente às leis, frente ao Estado, onde a mulher é vista como inferior e submissa ao homem, desprovida de inteligência, incapaz de lidar com as ciências exatas (TRISTAN, 2015). Tristan ainda reitera a divergência na educação de mulheres de classe alta e classe baixa, enquanto aquelas providas financeiramente poderiam fazer aulas de idiomas, estudar artes, aquelas que não possuíam condições financeira ficavam restritas aos afazeres do lar, evidenciando a importância do acesso à educação na vida das mulheres.

A alemã Clara Zetkin adentrou no movimento socialista alemão em 1874, onde no ano de 1878 se une ao Partido dos Trabalhadores Socialistas. Zetkin geriu um dos mais importantes trabalhos socialistas voltados para o público feminino, intitulado “A Igualdade”, em um momento onde o feminismo ganhava forças. Siqueira (2019), observa que Clara teve uma participação fundamental nos congressos e discussões voltados à igualdade política entre homens e mulheres, dentro das organizações sindicais, como também em outros âmbitos, inclusive através do próprio jornal divulgado nas fábricas onde estavam presentes operárias, buscou fortemente para a concessão do voto feminino.

Por possuir ideais pacifistas, afasta-se do Partido Social Democrata alemão e se alinha com o Partido Social Democrata Independente Alemão (USPD), sendo uma das pioneiras no partido. Em 1920, conhece Lenin e com ele publica o artigo: “A Questão Feminina”. Zetkin menciona em “Sobre a Emancipação da mulher (Lembranças sobre Lenin)” que exprimia a necessidade da criação de um grande movimento internacional feminino, e que nem teoria marxista não era possível realizar um bom trabalho prático.

O camarada Lênin falou-me várias vezes sobre a questão feminina, à qual atribuía grande importância, uma vez que o movimento feminino era para ele parte integrante e em certas ocasiões, parte decisiva do movimento de massas. É desnecessário dizer que ele

considerava a plena igualdade social da mulher como um princípio indiscutível do comunismo (ZETKIN, 1956 p. 3).

Ainda, Lenin menciona que nas grandes e pequenas cidades russas, os papéis ocupados e o comportamento das mulheres proletárias foram grandiosos, foram grandes lutadoras de classes, executando um trabalho importante para a sociedade na totalidade, sem as mulheres não teria existido uma revolução. Importante mencionar que as mulheres soviéticas realizaram diversas mobilizações pelos direitos reprodutivos como o direito ao aborto legal, direito ao divórcio, e a possibilidade de ocupar cargos majoritariamente masculinos por um salário similar ao do homem, mas esses assuntos eram restringidos as mulheres de classe alta, burguesas. Nesse sentido Rocha e Silveira (2020) grifam que “considerando as necessidades das mulheres para além dos aspectos biológicos, o projeto comunista, do qual Clara Zetkin fora protagonista, articulava a opressão de gênero à função do casamento monogâmico e da autoridade masculina na constituição da sociedade moderna.” p. 129.

Assim como Zetkin, Rosa Luxemburgo teve grande importância dentro do movimento socialista, pertenceu ao Partido Social Democrata. Ainda jovem se envolveu com a política, atuando no partido revolucionário clandestino *Proletariat*. Com seus 22 anos funda o Partido da Social Democracia do Reino da Polônia, passando por grandes percalços durante sua trajetória visto que participava de um partido majoritariamente composto por homens que não concordavam em fornecer para Rosa os mesmos direitos anteriormente recebidos pelo seu antecessor. Salienta-se que Rosa Luxemburgo era de origem judaica, lutava contra as constantes repressões que sofria por parte do Império Russo devido ao seu pensamento político e ideologias. Transfere-se para a Suíça, dedica a estudar as teorias de Marx, especializando-se no desenvolvimento industrial polonês, e posteriormente fazendo parte do Partido Social Democrata alemão.

Rosa Luxemburgo defendeu plenamente o sufrágio feminino, usando da prática e da teoria ligando perpetuamente a libertação geral, lutando inclusive contra a opressão em todos os sentidos. Sua parceria com Clara Zetkin, fundadora do movimento de libertação das mulheres como um movimento trabalhista de massa, foi essencial. Enquanto Zetkin centralizou seus estudos em base na organização das mulheres, Luxemburgo expandiu seus horizontes (TRINCADO, 2001).

Alexandra Kollontai assim como as autoras citadas anteriormente teve uma grande importância para o estudo da questão da mulher no movimento socialista e movimento operário, sendo Kollontai de família nobre, dedica-se a publicar artigos desde nova, percebendo a falta de atenção dos governos com a classe trabalhadora feminina. No ano de 1908 escreve “Base Social da

Questão Feminina”, onde analisa amplamente a situação das mulheres na Rússia, separando por classes, considerando que cada mulher possui experiências diferentes dependendo da situação econômica e espaço o qual ocupa na sociedade. Ainda, Kollontai cita em sua autobiografia a problemática do patriarcado, como menciona Nicodemos (2021) o patriarcado é sobretudo uma organização social em que as relações são baseadas em dois princípios: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos.

A sociedade russa tinha características de patriarcado. O homem, o pai, era o agente ativo que decidia e controlava, desde os menores, como a família, até os maiores como o aparato estatal e econômico. A mulher estava relegada a um segundo posto. No campo, seu trabalho não era tão importante quanto o do homem (a mão de obra era abundante) e sua missão consistia na criação dos filhos e no cuidado da casa; as pequenas tarefas artesanais ou agrícolas que desempenhavam não tinham um valor fundamental. A mulher não havia se incorporado ainda ao trabalho industrial. Em um país onde existia tanta miséria e a mão de obra masculina era excedente e baratíssima, desvaloriza-se o trabalho feminino, a mulher operária foi socialmente quase inexistente, e sua incorporação aos movimentos sociais emancipadores foi mais tardia que em outros países europeus (KOLLONTAI, 1978, p. 22).

Frequentemente desafiando o capitalismo e o feminismo burguês, alegando que apenas o socialismo poderia libertar as mulheres, seus envolvimento políticos levaram a prisão em 1908, buscando refúgio político em outros países, incluindo os Estados Unidos, onde continuou a protestar e provocar debates. Ainda em 1914 aderiu à facção bolchevique, memorizada como a única mulher presente no partido. Posteriormente, recebe um cargo como chefe da Zhenotdel, o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do partido Bolchevique russo, suas ações e trabalhos tiveram notoriamente grande relevância para a emancipação das mulheres.

Em 1918 coordena o Primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras, conforme relembra Silva (2018), a autora em um artigo publicado em 1927 lamenta que a participação feminina na revolução caia no esquecimento, mulheres que lutaram lado a lado com os homens, chamando as de “heroínas anônimas”, se antecipando anos antes sobre a questão da invisibilidade feminina na história. Em consequência da visão radical que expressava relacionada a família e casamento, foi definitivamente exilada em 1923 (ROELOFS, 2018).

Prosseguindo, a segunda onda feminista ocorreu principalmente nos Estados Unidos na década de 60, e posteriormente se alastrando para o resto do mundo, ampliando as questões a serem debatidas, como o controle de natalidade pelos direitos reprodutivos, sexuais, a total igualdade entre os sexos, discriminação sexual e violência contra as mulheres, doméstico ou no trabalho. Conforme mencionado anteriormente, a Primeira Onda Feminista possibilitou que as mulheres iniciassem nos

mais diversos cargos unicamente masculinos. Não obstante, as mulheres ainda estavam longe de terem seus direitos básicos garantidos. PINTO (2010), destaca:

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe outra forma de dominação - além da clássica dominação de classe -, a dominação do homem sobre a mulher - e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (PINTO, 2010, p.16).

Partindo do pressuposto de que cada mulher possui vivências diferentes a Segunda Onda Feminista vai dividir o feminismo em diversas correntes e pensamentos, como a corrente liberal e a corrente radical, englobando o feminismo negro e pós moderno, inclusive desmantelando o estereótipo de mulher ideal “dona do lar”, encarregada dos filhos e marido, sem outras ambições. A Primeira e Segunda Guerra Mundial fez com que as mulheres assumissem novos papéis e comportamentos na sociedade, mas ainda assim havia outras questões a serem solucionadas, especialmente com o fim das guerras, onde o Estado insistia em realocar as mulheres para os locais onde elas pertenciam antes.

A ativista e feminista Betty Naomi Goldstein, comumente chamada Betty Friedan, uma das mais importantes teóricas da Segunda Onda em seu livro “The Feminine Mystique” argumenta como o casamento e a maternidade afetam as mulheres na década de 50, em um contexto onde a mulher não possuía identidade ou escolhas próprias, fingindo viver uma vida plena e feliz. Ainda, Friedan (1992) destaca que a mídia da época era o maior responsável por propagar a ideia de que uma mulher somente atingiria a felicidade se fossem estritamente donas de casa, deixando de lado a carreira, ressaltando as revistas, os famosos “guias da boa esposa”. Sob outro enfoque, o homem é estimulado a obter sucesso, a ter uma grande carreira, o destino da mulher é definido pela biologia, que entende como algo natural da mulher ser mãe.



FIGURA 2 - Marcha das mulheres nos Estados Unidos. (Fonte: Library of Congress. Marcha das mulheres nos Estados Unidos. Agosto de 1970. Disponível em: <http://loc.gov/pictures/resource/ppmsca.03425/>).

Outra ativista em destaque na Segunda Onda Feminista foi Carol Hanish, responsável pelo slogan marcante: “o pessoal é político”, Rogan e Budgeon (2018) evidenciam que a expressão citada tem sua origem em um artigo do mesmo título, publicado no ano de 1970 como parte de uma coleção *Notes from the Second Year: Women's Liberation*. Hanish explica que a motivação para escrever o trabalho resultava da necessidade de defender os grupos de libertação das mulheres que estavam surgindo, especialmente em uma sociedade dominada por homens, onde a opressão sofrida pelas mulheres não é considerada um assunto urgente. À medida que as mulheres começaram a se mobilizar, reunir-se e trocar experiências foram ignoradas e ridicularizadas por trazerem seus “problemas pessoais”. Os problemas enfrentados pelas mulheres, como pressão estética, direitos reprodutivos, e sexualidade eram vistos como pessoais e não deveriam ser trazidos para dentro da sociedade.

As atividades executadas por homens são mais valorizadas ou privilegiadas do que as atividades femininas na maior parte do mundo na maior parte do tempo, as identidades e atividades associadas a homens e mulheres são tipicamente desiguais. Assim, a construção social do gênero é na verdade um sistema de poder que não apenas divide o mundo em "homens" e "mulheres" e "masculino e feminino", mas também tipicamente coloca alguns

homens e masculinidade acima da maioria das mulheres e feminilidade (RUNYAN, PETERSON, 2014 p.8).²

Narain (2015), complementa que o slogan foi extremamente necessário para as feministas da Segunda Onda, que perceberam as desigualdades culturais e política das mulheres, influenciando no entendimento pessoal, por um viés político, questionando também estruturas de poder sexistas (crença de que um gênero é superior a outro). A Terceira Onda Feminista busca desafiar sobretudo os padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia, de feminilidade, e ainda reivindicando direitos reprodutivos, e assédio sexual no trabalho, vale destacar que ainda na atualidade é uma temática bastante discutida entre as feministas. Teóricas da Terceira Onda frequentemente condenam o feminismo de Segunda Onda pela ausência de debates acerca de raça, etnia, classe e identidade como um todo (SANTOS VIEIRA, DE SOUZA, BURATTA, 2017). Além disso, buscou negociar um espaço no pensamento feminista para a consideração das subjetividades raciais (NARAIN, 2015).

bell hooks (2019), evidencia que o movimento feminista provocou grandes mudanças na vida de meninas, mulheres, homens e meninos pertencentes a uma sociedade patriarcal, capitalista e majoritariamente branca, todos foram beneficiados com a mudança estrutural. Mas cabe ressaltar que não acabou com o patriarcado, nem com o sexismo e nem mesmo com a opressão às mulheres.

1.3 Teorias Feministas e sua relevância para compreensão dos fatos históricos

De acordo com Sjoberg e Ticker (2011), as conferências da década de 1980 a 1990 foram essenciais para o desenvolvimento do campo de Teoria Feminista das Relações Internacionais que se espelhou no campo de estudos das mulheres. Internacionalistas buscaram inserir os pensamentos feministas dentro das pesquisas e problemáticas dos teóricos de Relações Internacionais, enfatizando a necessidade de ampliar o leque de interesses da disciplina.

Esta comunidade surgiu em volta de um grupo de escritos programáticos na virada da década de 80 para 90 (entre eles Elshtain, 1987; Cohn, 1987; Enloe, 1989; Tickner, 1992; Peterson 1992), que ajudaram a criar uma rede de acadêmicos que ainda hoje são pontos de referência. Esse grupo de autoras foi responsável pela criação da seção para estudos de gênero na *International Studies Association* em 1990, e posteriormente contribuíram para o estabelecimento de uma revista dedicada ao feminismo nas RI: o *International Feminist Journal of Politics*, de 1999 (PAIVA, 2014, p.10).

² Activities performed by men are more valued or privileged than female activities in most parts of the world most of the time, the identities and activities associated with men and women are typically unequal. Thus, the social construction of gender is actually a system of power that not only divides the world into 'men' and 'women' and 'male and female', but also typically places some men and masculinity above most women and femininity (RUNYAN; PETERSON, 2014, p.8).

As teorias feministas adentram na disciplina de Relações Internacionais (RI) no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, no contexto do pós-Guerra Fria, de mudança na ordem mundial, colocando fim na estrutura bipolar. Especialistas criticam a insuficiência da abordagem neo-realista, por não prever o fim da Guerra Fria, passando a questionar a utilidade que os termos e conceitos tradicionais teriam dentro das Relações Internacionais no pós-guerra fria. Conforme destaca Halliday (1999), duas décadas depois de outras disciplinas das áreas de ciências humanas, como a ciência política, mostrando-se uma disciplina conservadora.

Paiva (2014), enaltece que por ter seu surgimento com o movimento pós-positivista, as abordagens feministas normalmente aparecem como pós-positivistas. Para esclarecer, o conceito de pós-positivismo se refere às teorias das relações internacionais que, de forma epistemológica, repudiam o positivismo. O positivismo demonstra a ideia de que a observação empírica das ciências naturais pode ser aplicada às ciências sociais.

A teoria das Relações Internacionais passou por uma série de debates que originaram grandes mudanças na disciplina. Esses debates, apesar de possuírem grande importância, geraram polêmicas entre os atuantes da área, dificultando a chegada em um consenso quanto ao número de debates nas RI, sobretudo relacionado ao reconhecimento do terceiro debate, devido a várias definições e relatos que possui, impossibilitando a classificação.

Uma das razões decorre de que cada estudioso possui uma visão diferente do que seria o terceiro debate, unindo com a dificuldade de localizar suas fontes, e pontos de vista graças a suas várias definições e carácter eclético. O terceiro debate teve seu início nos anos 80, quando estudiosos buscaram abrir o campo teórico das relações internacionais a pontos de vista anteriormente negligenciados.

Sendo assim, a disciplina se abre para novas críticas, no caso da teoria feminista, teóricas questionavam como a política global poderia se aperfeiçoar se buscasse englobar as questões de gênero. Importante ressaltar que a abordagem feminista de Relações Internacionais não é singular, e sim, um conjunto de diversas correntes trazidas para o campo. Tickner (1988), no primeiro programa voltado a pesquisa feminista dentro das RI enaltece que as Relações Internacionais, assim como a sociedade, é feita para os homens, um mundo de poder e desavenças onde a guerra é vangloriada. (BALZACQ, BAELE, 2017). Nesse sentido, Monte (2013) afirma que as Relações Internacionais e os Estudos de Gênero se encontram no Terceiro Debate.

Assim sendo, o terceiro debate representa um desafio à hegemonia do pensamento positivista, que se prolongou da década de 50 até meados dos anos 80 e, pode-se dizer, ainda compõe o centro da disciplina. Caracteriza o positivismo, em RI, a utilização de métodos e pressupostos retirados do liberalismo clássico e da ciência econômica para estabelecer leis gerais da política internacional. São duas as principais correntes positivistas: realistas e liberais. Ambas partem da consideração básica de que o sistema internacional se organiza anarquicamente, isto é, não há autoridade acima dos Estados (MONTE, 2013, p.60).

Ainda, a teoria feminista das Relações Internacionais, por uma abordagem inovadora, procura questionar o patriarcado e as questões de gênero dentro do campo de estudos, evidenciando que o gênero transpassa todos os sentidos da sociedade. Inviabilizar tal importância dificulta para entendimentos dentro do cenário internacional, inclusive, questionando a ausência das mulheres dentro das áreas tradicionais de RI, ou a contribuição das mesmas como o Congresso Internacional de Mulheres do ano de 1919 a Versalhes (BLANCHARDT, 2003).

Por meio das teorias feministas o impacto do sistema estatal e da economia global na vida das mulheres e homens seria totalmente compreendido, visto que a análise a partir do gênero passa a questionar os principais pressupostos da disciplina, tais como anarquia, segurança, soberania, gênero – a partir das teorias feministas -, dentre outros pressupostos (COELHO, 2019, p.17).

Tickner (1992), explica que a disciplina teve sua origem no decorrer da Primeira Guerra Mundial, para atender os objetivos de evitar uma nova guerra global, surge então uma necessidade de fomentar teorias que demonstram o desenvolvimento do Sistema Internacional. A autora destaca os três debates: realismo em confronto com o idealismo, realismo e ciência social, e positivismo e pós-positivista. Com o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, os teóricos voltaram-se para o realismo político, que consoante os realistas a maneira de evitar uma guerra seria se preparando para a mesma. A Guerra Fria e sua rivalidade entre a União Soviética e os Estados Unidos com a corrida armamentista demonstrou o fim da aprovação do realismo, uma vez que, em um contexto onde o conflito nuclear poderia gerar a destruição de ambos, o realismo se torna prejudicial.

O fato de pensamentos feministas terem adentrado na disciplina no mesmo contexto do encerramento da Guerra Fria não é coincidência, visto a diminuição da predominância das questões de segurança militar que tendem a dominar as RI desde sua fundação. As feministas liberais contribuíram significativamente em termos práticos, colocando o gênero de maneira firme na agenda política. Por outro lado, as teóricas feministas pós-positivistas de RI prestaram uma importante contribuição teórica para a disciplina na totalidade, mas seu sucesso na reconstrução das teorias mais convencionais em RI foi limitado pelas diferenças epistemológicas. Não obstante, a

abordagem feminista, representa uma importante ferramenta analítica, facilitando o conhecimento e a compreensão das realidades da política internacional no ambiente pós-Guerra Fria (Buskie, 2013).

Ainda, Barbosa (2021) relembra que o feminismo foi inserido no ambiente acadêmico durante a Segunda Onda Feminista, no contexto do surgimento de cursos sobre o Estudo da Mulher e História da Mulher. No mesmo sentido, outras questões como etnia, globalização e direitos humanos passaram a ser debatidos na agenda de RI.

Escrevendo na véspera da Segunda Guerra Mundial, o historiador E. H. Carr afirmou que foram os eventos devastadores da Primeira Guerra Mundial que motivaram a fundação da disciplina das relações internacionais. Antes de 1914, as relações internacionais foram, na maioria, a preocupação dos profissionais. Mas a enorme destruição causada pela Primeira Guerra Mundial, e a busca de novos métodos para evitar que ela voltasse a acontecer, trouxe exigências para a democratização tanto da teoria quanto da prática das relações internacionais. De acordo com Carr, o curso inicial desta nova disciplina acadêmica foi marcado por um desejo intenso para evitar outra guerra. No período entre guerras, ela se concentrou no direito internacional e na segurança coletiva, epitomado na Liga das Nações, como mecanismos para evitar conflitos futuros. Na Segunda Guerra Mundial, a disciplina se voltou para o que seus defensores chamam de realismo político (TICKNER, 1992, p. 10) Tradução nossa.³

Conforme já mencionado no tópico anterior, o movimento feminista passou pela primeira e segunda onda, sendo a primeira visando a presença das mulheres na política através do direito ao voto e a segunda ampliando o leque de interesses ao perceber que as mulheres ainda estavam longe de serem consideradas seres munidos de direitos.

A Terceira Onda vai providenciar englobar outras vozes como o feminismo negro e pós-colonial. A política internacional adotou o “estupro como arma de guerra” como um tema de debate relevante dentro das Relações Internacionais, uma vez que as mulheres são as maiores vítimas durante conflitos, sendo duplamente violentadas (COELHO, 2019). Além disso, as primeiras teóricas buscam através das abordagens feministas identificar as mulheres nas RI, ampliando suas visões (PAIVA, 2014).

³ Writing on the eve of the Second World War, historian E. H. Carr claimed that it was the devastating events of World War I that motivated the founding of the discipline of international relations. Before 1914 international relations had been largely the concern of professional practitioners. But the enormous destruction caused by World War I, and the search for new methods to prevent its happening again, brought demands for the democratization of both the theory and practice of international relations. According to Carr, the initial course of this new academic discipline was marked by a passionate desire to prevent another war. In the interwar period, it focused on international law and collective security, epitomized in the League of Nations, as mechanisms with which to prevent future conflicts. But when the limitations of the League and its collective security system were seen as contributing to the outbreak of World War II, the discipline turned to what its proponents have labeled political realism (TICKNER, 1992, p.10).

A política internacional é um mundo de homens, feito por diplomatas, soldados e funcionários públicos internacionais, a maioria dos quais são homens. Tickner (1992), descreve que masculinidade e política tem uma grande ligação. As características voltadas à masculinidade foram valorizadas na condução da política internacional, a glorificação do guerreiro masculino, modelo este de masculinidade cultural, que sustenta o patriarcado.

Por fim, independentemente da inviabilização das mulheres dentro da disciplina, abranger as abordagens feministas pode agregar para a compreensão sobre o comportamento do Estado e as demandas dos seres, violência estrutural, bem como, entender o sistema político mundial, conforme destaca Tickner (1995).

No presente capítulo, foram apresentados o contexto histórico do surgimento do campo de Estudos da Mulher, destacando a importância do movimento feminista e suas ondas para modificar a posição e situação das mulheres ao longo da história, empenhando a destruir a desigualdade maçante entre homens e mulheres. Citar a evolução histórica dos movimentos feministas é interessante para perceber as lutas e conquistas femininas. Muito se fala sobre a submissão forçada das mulheres ao longo da existência humana, o que dá a entender que as mulheres não reivindicavam seus direitos e papéis, quando na realidade milhares de mulheres arriscaram suas vidas lutando por um futuro melhor. Além disso, foram apresentados os conceitos essenciais para a compreensão dos fatos históricos, abordando as Teorias Feministas de Relações Internacionais. Em um primeiro ponto, a importância da temática se justifica no fato de que a Teoria Feminista beneficia as Relações Internacionais com um olhar mais humanitário e justo, transformando a percepção dos conceitos principais como Estado, poder e segurança, guerra somando com a necessidade de abranger as vozes femininas dentro das RI, seja em momentos de conflitos ou não. Durante crises e conflitos, as mulheres são privadas de seus direitos básicos, como será abordado a seguir na presente análise.

2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DURANTE O FASCISMO

Para a melhor compreensão da condição das mulheres durante o fascismo, faz-se necessário primeiramente a explicação do significado de fascismo e seu desenvolvimento. A Primeira Guerra Mundial tem seu início devido a problemas políticos, militares e culturais, mas sobretudo após a morte do herdeiro do império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando. A Itália a princípio se declarou neutra, ainda que mantivesse relações com o Império Austro-húngaro e a Alemanha, fazendo parte da Tríplice Aliança. Nesse contexto, no país há um grande debate entre os neutralistas e os intervencionistas, sendo o primeiro grupo os socialistas e católicos a favor da não intervenção, e opondo-se a uma guerra contra Áustria adotando uma postura mais pacifista. Para os católicos, a Áustria também era um país católico, uma boa razão para se manter neutro. Do contrário, o outro grupo anarquistas, nacionalistas como Benito Mussolini e o intelectual Gabriele D'Annunzio. No fim, a Itália rompe com a Tríplice Aliança e declara guerra à Áustria em 1915.

Com a crise, a instabilidade política, os problemas fomentados pela Primeira Guerra Mundial, a figura de Benito Mussolini ergue como uma solução através do *Movimento dei Fasci di Combattimento*, o qual tinha como uma das motivações acabar com o movimento operário que se intensificava por toda a Itália. De acordo com Paxton (2007), o fascismo tem seu início oficialmente no dia 23 de março de 1919, onde cerca de cem veteranos de guerra, sindicalistas que concordavam com a guerra, se reuniram no auditório da Aliança Comercial e Industrial de Milão para declarar guerra ao socialismo, pois ele se opôs ao nacionalismo.

Ainda, se apresentava como um movimento de cunho nacionalista, patriota, caráter autoritário e antidemocrático. Quanto à origem etimológica da palavra fascio derivado do latim 'fascis', fazia referência aos feixes de varas em volta de um machado usados pelos antigos magistrados romanos como símbolo de poder legítimo, que passou a ser utilizado pelos movimentos populares e revolucionários como um símbolo de unidade dos cidadãos. Vizontini (2012) descreve os princípios do fascismo italiano:

A ideologia do fascismo italiano aglutinava-se em quatro postulados principais: o primado do Estado, que nega o indivíduo como instância política, defendendo um Estado forte e centralizado (segundo Giovanni Gentile, ideólogo do fascismo, totalitário); o primado do chefe, que procura legitimar a centralização da autoridade numa liderança unipessoal ("o Duce tem sempre razão"); o primado do partido, que se vincula às questões ideológicas, propagandísticas e de mobilização popular, e finalmente o primado da nação, que constitui

o elemento nacionalista e patriótico, destinado a conduzir a Itália ao nível das grandes potências mundiais, com fins expansionistas (VIZENTINI, 2012, p.155).

Zetkin (2019), destaca que o período de 1919 significou muito para o Partido Socialista na Itália, pois, após a Primeira Guerra Mundial, a classe trabalhadora passava por um processo de radicalização. O Partido Socialista, que manifestava e expressava uma postura pró- Revolução Soviética, motivou os sindicatos dos trabalhadores e os lavradores a realizar greves em busca dos seus propósitos, como melhores condições de trabalho e salário mais digno. No mesmo ano, ocorrem as primeiras eleições italianas no pós- Guerra, entre o Partido Popular, baseado nos valores cristãos e liderado pelo Padre Luigi Sturzo, e o Partido Socialista persuadidos que o Partido Socialista Italiano chegaria ao poder, operários ocuparam fábricas e realizaram greves inicialmente na cidade de Turim, atingindo todo o país, inclusive a região rural. De acordo com Spriano (1964) em 1920 cerca de meio milhões de operários metalúrgicos, em sua maioria pertencentes a Federação Italiana dos Operários Metalúrgicos (FIOM) ocuparam as fábricas.

Por outro lado, o poder da burguesia e dos capitalistas parecia em perigo, uma vez que o movimento operário nunca havia sido tão forte. Como vitória, os trabalhadores receberam melhores condições de trabalho e reajuste no salário. Nos anos de 1919 a 1920, chamado de período vermelho de dois anos, os socialistas lideraram as greves trabalhistas, ocuparam fábricas e terras, causando pavor e receio aos capitalistas que temiam uma Revolução Bolchevique na Itália. Retomando, o movimento criado por Mussolini não obteve nenhum voto na primeira eleição depois da guerra, porém, segundo Fincardi (2008) em 1922 o pelotão fascista financiado pelos grandes agrários e empresários que se opuseram ao movimento proletário, enfrenta as instituições do Partido Socialista, incendiando e devastando as cooperativas socialistas, bem como, os próprios integrantes do grupo socialista, ocuparam as províncias. A partir desse acontecimento, em 1921 entram 35 deputados fascistas no parlamento. Conforme aponta Coccia (2015):

Entre o final de 1920 e o início de 1921, o movimento passou por um rápido processo de mudança, deixando de lado o programa democrático-radical original, ele se fundou nas estruturas paramilitares (*squadre d'azione*) e iniciou uma luta implacável contra o movimento socialista. 1921 foi um ponto de viragem para o fascismo: de fato, nas eleições políticas, 35 deputados fascistas entraram no Parlamento e, além disso, em 1921, o movimento fascista transformou-se em um partido de pleno direito, o Partido Nacional Fascista (COCCIA, 2015, p.4). Tradução nossa.⁴

⁴ Tra la fine del 1920 e l'inizio del 1921, il movimento subì un rapido processo di cambiamento, abbandonando l'originario programma radical-democratico, si fondò su strutture paramilitari (*squadre d'azione*) e iniziò una lotta spietata contro il movimento socialista. Il 1921 fu un anno di svolta per il fascismo: alle elezioni politiche, infatti, 35 deputati fascisti entrarono in Parlamento e, inoltre, nel 1921 il movimento fascista si trasformò in un vero e proprio partito, il Partito Nazionale Fascista (COCCIA, 2015, p.4).

Além disso, em outubro de 1922 durante a Marcha sobre Roma, marcha armada organizada pelo Partido Nacional Fascista, Mussolini foi nomeado pelo Rei para liderar um novo governo. Após receber o título de chefe do governo, Mussolini continuou a interpolar entre promessas de uma normalização do fascismo às ameaças de uma segunda onda revolucionária. Em 1923, através da aprovação da lei eleitoral “Acerbo” que garantia posse ao candidato que obtivesse pelo menos 25% dos votos.

Dessa forma, os fascistas conseguiram alcançar mais de três quartos dos assentos parlamentares nas eleições políticas. Outra data decisiva na história do fascismo foi o discurso de Mussolini na Câmara dos Deputados do Reino da Itália após a morte de Giacomo Matteotti, político socialista italiano, em 3 de janeiro de 1925 que marcou o início da ditadura:

“Quando dois elementos estão em conflito e são irredutíveis, a solução é a força. Nunca houve e nunca haverá nenhuma outra solução na história. Agora eu ousou dizer que o problema será resolvido. Fascismo, Governo e Partido, estão em pleno funcionamento” (MUSSOLINI, 1925). Tradução nossa.⁵

A partir deste momento, o regime fascista moldará as próximas duas décadas de história da Itália, resultando em fortes mudanças na vida política, âmbito público e doméstico

2.1 A influência do regime fascista italiano na redefinição do papel social das mulheres

No capítulo anterior foi abordado a questão do feminismo e suas lutas constantes pela conquista dos direitos das mulheres. Aqui vale destacar as peculiaridades do feminismo italiano. A maioria dos estudos voltados ao feminismo italiano foi inspirada pelos estudos de Anna Maria Mozzoni, considerada pioneira do movimento feminista na Itália, a qual nasceu em Milão em 1837 em uma família de classe nobre. Após estudar em um internato, ao não concordar com a educação conservadora, decide voltar a estudar em casa, dedicando-se às questões de igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como a emancipação feminina, aproximando-se dos pensamentos de Stuart Mill. Nos anos seguintes participou de congressos, assembleias, conferências, incluindo a apresentação de proposta ao parlamento italiano visando a legalização do voto às mulheres. Ainda, elaborou em 1888 *Alle fanciulle* para explicar a todas as jovens a importância de lutar pela emancipação feminina e o movimento socialista, mas sempre levantando como principal pauta o direito ao voto feminino (FINOCHIARO, 2020).

⁵ Quando due elementi sono in conflitto e sono irriducibili, la soluzione è la forza. Non c'è mai stata e non ci sarà mai nessun'altra soluzione nella storia. Ora oserei dire che il problema sarà risolto. Il fascismo, il governo e il partito, sono in piena attività. (MUSSOLINI, 1925).

Outra figura importante a ser lembrada em relação aos direitos das mulheres, sobretudo o trabalho, a cidadania das mulheres e o direito ao voto foi Anna Kuliscioff, cujo nome real é Anja Rosentein, nasceu na Crimeia entre de 1853 a 1857. Durante seus percursos de estudos em Zurique encontra uma grande liberdade de expressão, e oportunidades para desenvolver suas ideias voltadas à luta pela liberdade. Posteriormente, por motivos de saúde passou a morar em Nápoles, onde se graduou em Medicina atuando como ginecologista, e ao mesmo tempo buscando ajudar mulheres pobres e trabalhadoras em nome de seus ideais socialistas. Conhece Filippo Turati, seu companheiro de luta, onde atuava no Partido Socialista Italiano, tendo como base a revista *Crítica Social* e *Liga Socialista de Milão*, fundada em 1891 por Turati, focando na situação dos trabalhadores e trabalhadoras italianas.

Conforme mencionado no capítulo anterior, foi o movimento socialista que abordou as questões voltadas à emancipação feminina, considerando os aspectos trabalhistas. Importante lembrar que durante a grande guerra, as mulheres escaparam do modelo tradicional de acolhimento familiar, assumindo um posto de importante posição familiar, especialmente com a saída dos homens para a luta armada, as mulheres assumiram também as atividades públicas e privadas. As mulheres substituíram os homens nos trabalhos nas fábricas, como também na agricultura.

O contexto da guerra trilhou o caminho das mulheres rumo à emancipação, carregando consigo as mudanças de vida e à aquisição de novas possibilidades, como a saída de casa, a disponibilidade de um salário, uma maior liberdade na totalidade, apesar dos sacrifícios enfrentados durante a guerra. Em suma, as mulheres se depararam com um mundo de possibilidades e capacidades que nunca tinham sido antes apresentadas para elas (SCANAVINO, 2003).

Os grupos feministas italianos deram apoio à guerra bélica, esperando serem recompensados com os direitos que tanto buscavam e lutavam, bem como, a igualdade entre os dois gêneros. Apesar disto, as mulheres não obtiveram os direitos de cidadãs e não estiveram em pé de igualdade com os homens, e em muitos países como a Itália não tiveram direito ao voto. Durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres substituíram os homens engajados na frente de batalha, especialmente nas fábricas do norte da Itália e do interior do sul, entrando em massa no mundo do trabalho e efetuando uma participação fundamental ao país durante a guerra. No entanto, com o fim do conflito, a sociedade, ainda fortemente patriarcal, decidiu que as mulheres deveriam retornar ao

“seu lugar”, de modo que restaurá-las à integridade benéfica de seu lar era a tarefa do pós-guerra (SASSANO, 2015).

Com a aproximação do fascismo e do regime autoritário na Itália o papel da mulher na sociedade ainda piorou, por uma série de medidas, o trabalho feminino e o papel da mulher na sociedade, foi reduzido e se desenvolveu nas áreas reprodutiva, familiar e trabalhista. Conforme destaca Streich (2008), ao longo do século XX, a maioria dos italianos tirava seu sustento através da agricultura e trabalhos em contato direto com a terra:

Com o advento da ditadura fascista, quando Mussolini chegou ao poder em 1925 para estabelecer o fascismo como vertente do regime italiano, a Itália era um país relativamente atrasado e ainda muito ligado à agricultura, com grandes diferenças entre Norte e Sul e entre cidade e campo. No período fascista, o Partido Nacional Fascista foi o único partido admitido. Criou-se uma ditadura autoritária, que aboliu as liberdades democráticas. Também complicou as ambições das mulheres no caminho da igualdade oficial entre os sexos. (...) Mussolini constituiu uma ditadura que buscou a subjugação da população e marcou condições difíceis para mulheres (STREICH, 2008, p.5). Tradução nossa.⁶

Em suma, as mulheres italianas tinham perdido sua liberdade que pouco fora conquistada. Do ponto de vista empregatício, as mulheres foram discriminadas: a perda de importância da mulher foi acompanhada pela institucionalização de sua inferioridade por meio de uma série de medidas que a expulsaram do mercado de trabalho e lhe negaram quaisquer direitos políticos. (SASSANO, 2015), Primeiramente em 1925, o fascismo realizou a criação da *Opera Nazionale per la Maternità e Infanzia*, a qual se referia a “proteção” da mãe e da criança, que como explica Serri (2022), não era menos que um projeto de disputa demográfica para fazer das mulheres máquinas de reprodução. Posteriormente, a primeira medida através do decreto 2480 de 9 de dezembro de 1926 o qual impedia as mulheres de lecionar filosofia, história e literatura nas escolas de nível médio.

Seguindo essa mesma linha, a medida teve influência na educação das meninas também, as mensalidades dobraram de preço, para que as famílias não estimulassem as meninas a estudar. No mesmo instante, as estudantes de nível médio obrigatoriamente deveriam participar de classes voltadas aos afazeres domésticos e voltados para o âmbito familiar, uma vez que as atividades femininas foram adaptadas para condizer com os interesses de Mussolini, que afirmava que “a força

⁶ Con l'avvento della dittatura fascista, quando Mussolini sali al potere nel 1925 per affermare il fascismo come settore del regime italiano, l'Italia era un Paese relativamente arretrato e ancora molto legato all'agricoltura, con grandi differenze tra Nord e Sud e tra città e campagna. Nel periodo fascista, il Partito Nazionale Fascista era l'unico partito ammesso. È stata creata una dittatura autoritaria che ha abolito le libertà democratiche. Inoltre, complicò le ambizioni delle donne sulla strada dell'uguaglianza ufficiale tra i sessi.(...) Mussolini costituì una dittatura che mirava alla sottomissione della popolazione e che segnò condizioni difficili per le donne (STREICH, 2008, p. 5).

está no número”, especificando que quantidade era melhor que qualidade. Como novamente reitera Serri (2022).

A emancipação das mulheres está mais que nunca na mira da ditadura: não só não é permitido às mulheres serem diretoras de escolas, como os licenciados universitários estão proibidos de ensinar italiano, literatura clássica, história e filosofia nas escolas secundárias, clássicas e científicas e nas classes superiores dos institutos técnicos. As recompensas aumentam: estudar para as mulheres é mais caro e as estudantes femininas veem as mensalidades escolares e universitárias duplicadas. As mulheres nem sequer podiam, entre muitas outras proibições, tirar a carteira de habilitação (SERRI, 2022, p.43).⁷

Nesse contexto, devido à guerra a Itália tinha uma taxa de natalidade muito baixa, para que aumentasse rapidamente, o estado banuiu os métodos contraceptivos, e censurou as mulheres de opinarem sobre os direitos reprodutivos e maternidade, enquanto o aborto foi criminalizado para todas as mulheres, independente de quem e quando o procurava. Esse acontecimento gerou grandes consequências, pois mesmo que o aborto tivesse sido criminalizado, a prática se tornou em meados de 1930 um dos principais métodos para evitar a gravidez pelas mulheres pertencentes à classe trabalhadora urbana.

Segundo Bignami (2018), a medida trouxe sérios riscos à saúde feminina que buscavam a clandestinidade. Enquanto valorizava e vangloriava o homem, o Estado fascista tomou como evidente que as mulheres e os homens diferem por natureza. O governo politizou essa diferença em benefício dos homens, fazendo disto a base de um novo sistema especialmente repressivo para definir a cidadania feminina. Então, a partir da política sexual fascista e das relações familiares, o fascismo expõe a sua vocação totalitária, chegando a controlar a vida desde os detalhes mais íntimos e pessoais.

Toda a vivência de uma mulher era definida pelos interesses da nação e do governo autoritário como uma estratégia de crescer. Além disso, o ideal de feminilidade ficou resumido por “noiva-mãe-cidadã”, exercendo um controle total sobre o corpo feminino através de suas políticas reprodutivas. A mulher fascista deveria incorporar um modelo ideal muito específico: a mulher do campo, bela, próspera, capaz de gerar e dar à luz, amamentar e ter muitos filhos, os quais serão os fascistas do futuro. Por esta razão, Mussolini, com o apoio de suas hierarquias de confiança, lançou

⁷ L'emancipazione femminile è più che mai nel mirino della dittatura: le donne non solo non possono svolgere il ruolo di presidi a scuola, ma si vieta alle laureate l'insegnamento di italiano, lettere classiche, storia e filosofia nei licei classici e scientifici e nelle classi superiori degli istituti tecnici. Aumentano i balzelli: studiare per le donne è più costoso e le studentesse vedono raddoppiate le tasse scolastiche e universitarie. Gentile, sempre attento all'istruzione femminile, esclude le donne dalla Scuola normale superiore di Pisa. Le donne non possono, tra i tanti divieti, nemmeno prendere il brevetto di pilota (SERRI, 2022, p.43).

duas campanhas importantes: contra a urbanização e pró-natalista. Para ilustrar a propaganda pró-natalista fascista de Mussolini, é necessário citar a criação da data comemorativa Dia das Mães, ou melhor, *Giornata nazionale della Madre e del Fanciullo* (SERRI, 2022; BIGNAMI 2018).

Instaurada em 23 de dezembro de 1933, tinha como principal objetivo parabenizar e presentear as mulheres que tivessem mais filhos. Nesse evento, as 93 mães mais produtivas da Itália foram homenageadas com uma visita à Roma, após serem recebidas pelo Papa e mais tarde por Benito Mussolini, receberam um prêmio em dinheiro diretamente das mãos do Duce⁸. No primeiro evento, uma mãe napolitana de 18 filhos recebeu o prêmio.

Apesar da grande propaganda exercida pelo governo fascista, as mulheres não aceitaram plenamente a imposição de ter a reprodução e o cuidado como suas únicas tarefas. De acordo com Marchi (2015) as estatísticas mostraram que o desenvolvimento demográfico do país foi parcialmente influenciado por medidas natalistas, uma vez que a taxa a qual era de 27,7 nascimentos por 1.000 habitantes em 1926 decaiu até chegar a 22,4 por 1.000 habitantes no ano de 1936. Como também destaca Serri (2022):

Como é que as mulheres reagem a esta escalada de medidas negativas contra elas? A taxa de nascimentos não aumentou e a diminuição dos nascimentos continuou durante os vinte anos (de 29 nascimentos por mil habitantes em 1926 para 25,2 nascimentos por mil habitantes em 1930 para 23,2 nascimentos por mil habitantes em 1937). O aborto era proibido com penas severas (embora o *Duce* tivesse forçado as suas amantes a submeterem-se à dolorosa operação, como no caso de Bianca Ceccato), a publicidade e a "popularização" de meios anti-fertilizantes era proibida. Em 1926 uma lei punia o celibato masculino, para dar, como o Duce afirmava, "um chicote demográfico à nação" (SERRI, 2022, p.42).⁹

Ainda, De Grazia (1993), chama atenção para o cuidado ao colocar todas as mulheres em uma mesma vivência, é importante ressaltar as diferenças de classes. As diferenças de classe entre as mulheres estavam ainda mais acentuadas durante o regime fascista, enquanto o regime se beneficiava da diversidade dos costumes sociais e comportamentos para isolar as mulheres de classe alta e baixa: Segundo a autora "Falar de todas as mulheres italianas com uma só voz é,

⁸ Duce é o vocativo de 'dux', que em latim significa comandante, guia. Durante a década de 1930, os fascistas celebraram o império romano como a base fundadora da raça itálica, portanto, houve um retorno do latim como língua. Neste sentido, 'duce' tem o mesmo valor que rei/imperador, aquele que comanda e guia o povo.

⁹ Come reagiscono le donne a questa escalation di provvedimenti negativi nei loro confronti? Il tasso di natalità non cresce e la diminuzione delle nascite proseguirà lungo tutto il Ventennio (si passa dalle 29 nascite annue per mille abitanti del 1926 alle 25,2 nascite per mille abitanti del 1930 fino alle 23,2 nascite per mille abitanti del 1937). L'aborto è proibito con pene severe (pur avendo il Duce costretto le sue amanti alla dolorosa operazione, come nel caso di Bianca Ceccato), è vietata la pubblicità e la «divulgazione» dei mezzi antifecondativi. Nel 1926 una legge punisce il celibato maschile, per dare, come sostiene il Duce, «una frustata demografica alla nazione» (SERRI, 2022, p.42).

naturalmente, simplificar demais, assim como seria falar de um programa fascista coerente em relação às mulheres. Havia diferenças de classe e costumes” (DE GRAZIA, 1993, p.141).

As imposições de gênero fascista afetaram sobretudo as mulheres das classes baixas, devido às suas condições financeiras e de suas famílias. Independente disso, por mais bem colocadas que as mulheres estivessem, ainda sofriam com as políticas anti femininas do regime. Mediante o decreto de 28 de novembro de 1933, a contratação de mulheres ficou ainda mais difícil, os homens deveriam ser contratados em cargos superiores os das mulheres, incluindo, o emprego feminino na administração pública não poderia ultrapassar 10%. Conforme destaca MAFAI (1994):

Com três decretos, um em 1923, um em 1926 e um em 1940, mulheres eram proibidas de serem diretoras de escolas ou de escolas secundárias. Mas eles também foram proibidos de ensinar história, filosofia e economia tanto nas escolas secundárias clássicas quanto nos institutos técnicos. Isto tendia a relegá-los, de fato, às escolas magistrais, tanto como alunas quanto como professoras. Em seguida, os ministérios, órgãos estatais e paraestatais foram tratados com igual severidade e misoginia: um decreto de 1933 autorizou as administrações individuais a estabelecer em seus anúncios de concursos a exclusão total das mulheres ou os limites dentro dos quais elas poderiam ser empregadas; um decreto imediatamente após, em 1934, excluiu as mulheres de uma série de cargos e cargos públicos (elas eram proibidas, por exemplo, de serem secretarias municipais) (MAFAI, 1994). Tradução nossa.

¹⁰

A política trabalhista fascista de Mussolini partia da suposição de que o homem deveria se encarregar da produção e sustento familiar, enquanto as mulheres deveriam se ocupar somente da reprodução e do bem-estar do lar, afastando as mulheres dos pensamentos considerados “perigosos” emancipatórios (BIGNAMI, 2019). Pantaloni (2021), reitera que a política feminina de Mussolini no campo trabalhista era evitar que as mulheres competissem com os homens no mercado de trabalho, bem como, evitar que o trabalho se tornasse uma ponte para que as mulheres alcançassem a emancipação de fato.

Sendo assim, restando apenas os seguintes empregos permitidos às mulheres na área pública: telefonia, datilografia, serviços de impressão, bibliotecárias e secretárias em escolas. Simultaneamente, a mesma lei evidenciava que os trabalhos permitidos para as mulheres eram caixas, vendedoras em lojas de vestuário feminino, confeitarias, floriculturas, perfumarias,

¹⁰ Con tre decreti, uno del 1923, uno del 1926 e uno del 1940, si vietava alle donne di essere presidi di scuole o di istituti di istruzione media. Ma fu loro vietato anche l’insegnamento della storia, della filosofia e dell’economia sia nei licei classici che negli istituti tecnici. Si tendeva così a relegarle, di fatto, nelle magistrali sia come allieve che come docenti. Poi ci si occupò dei ministeri, degli enti statali e parastatali, con altrettanta severità e misoginia: un decreto del 1933 autorizzava le singole amministrazioni a stabilire nei bandi di concorso l’esclusione totale delle donne o i limiti entro cui contenerne l’assunzione; un decreto immediatamente successivo, del 1934, escludeva le donne da una serie di uffici e incarichi pubblici (era loro proibito ad esempio fare’ il segretario comunale) (MAFAI, 1994, p. 108).

costureiras, sempre limitadas a empresas com um máximo de 10 funcionárias. Pantaloni (2021) menciona que o número de empregadas domésticas na Itália aumentou de 445.631 para 660.725 durante 1921 e 1936, enquanto nos outros países europeus o número diminuiu.

Segundo De Grazia, a estratégia de vincular as mulheres a maternidade foi muito mais além de reforço ditatorial e da opressão, atingindo também as políticas econômicas autônomas, e o belicismo, uma vez que, para as necessidades econômicas e sociais, a taxa de natalidade deveria manter-se alta, para manter mão-de-obra barata e atender as necessidades militares. Com a chegada da Segunda Guerra Mundial e a ascendente participação italiana, a participação da mulher fascista ficou limitada a uma resistência interna, como mão-de-obra barata para as necessidades básicas de guerra. Mussolini constituiu uma ditadura que buscava pela submissão da população, e sobretudo, condições difíceis para as mulheres (STRETCH, 2008).

O regime incitou, com medidas econômicas e propaganda obsessiva, a trazer ao mundo cada vez mais crianças. Por esta razão, aqueles que não se casavam eram punidos com o "imposto do celibato", e os pais de filhos numerosos eram favorecidos na contratação. As mulheres foram oferecidas à maternidade como um objetivo essencial da existência (MAFAI, 2008, p.64). Tradução nossa.¹¹

Em meados de 1925, o Partido Nacional Fascista percebeu que deixar essas mulheres apenas em casa era uma enorme perda, elas tinham seu valor, apesar de possuírem um papel secundário. A partir disto se tem a criação das primeiras organizações fascistas femininas. A primeira delas foi criada por Elisa Savoia, chamado de *I Fasci Femminili* que reunia mulheres maiores de 21 anos que fossem contra a sociedade liberal e os valores liberais, como também contra o socialismo reformista. Por conseguinte, surge o grupo *Giovani Italiane* que atende jovens de 4 a 18 anos. Em 18 de novembro foi criado o *Servizio Ausiliario Femminile* (SAF) organizado pelo Partido Fascista Reppublicano, como apoio ao serviço de guerra, a comando de Pietra Gatteschi Fondelli, ex-participante do *Fasci di Combattimento Femminile*, a maioria das mulheres se candidataram voluntariamente.

¹¹ Il regime incitava, con misure economiche e con una propaganda ossessiva, a mettere al mondo sempre più figli. Per questo venivano puniti con la «tassa sul celibato» coloro che non si fossero sposati, e favoriti nelle assunzioni i padri di numerosa prole. Alle donne veniva proposta, come obiettivo essenziale dell'esistenza, la maternità (MAFAI, 2008, p.64).

A Resistência constitui e representa o processo de nascimento da Constituição e da República Democrática Italiana. Ao que tange à participação feminina durante a Resistência Italiana, as mulheres trabalharam de diversas maneiras na luta partigiana, como *staffette* (as quais realizavam a ponte de comunicação entre os batalhões ou comandantes), enfermeiras, cozinheiras, costureiras, auxiliares aos e seus familiares feridos. Mas também tiveram grande importância como combatentes. As mulheres se fizeram presente como protagonistas num momento decisivo para a história da Itália.

Lidia Menapace, nasceu em 1929, considerada até o ano de sua morte em 2020 durante a pandemia do Covid 19, uma das maiores feministas italianas. Em seu livro *“Io partigiana”* conta sua história começando pela influência de sua família antifascista e anarquista, quando seu pai foi preso e deportado após ser enviado para a Polônia. Quando ainda frequentava a escola, teve sua primeira percepção da desigualdade da raça humana quando duas colegas foram proibidas de entrar na escola devido à descendência hebraica, ou também quando recebeu o boletim da escola com os dizeres: “raça ariana”. Esses acontecimentos geraram grande revolta dentro de si, especialmente quando começa a decifrar a verdade, o que é justo ou não, quando os colegas judeus começam a desaparecer e passar longas temporadas sem ir à escola, Universidades bombardeadas e tiroteios, até a tomada da decisão de se tornar uma partigiana, fazendo parte da divisão Rabellotti, optando pelo nome de guerra, Bruna.

Quando, no final do ano, trouxe para casa o boletim que dizia "da raça ariana", a minha mãe, após me perguntar se eu tinha passado", disse-me para o rasgar "porque não somos animais e as raças são apenas cavalos, gado, porcos, caninos..."
Io partigiana, (MENAPACE, 2014, p.32).¹²

A combatente explica que se tornou uma partigiana conhecida, especialmente por sua decisão de não utilizar armas, desde o princípio queria seguir uma luta pacífica. As tarefas designadas para as *staffettes* não eram fáceis. Somente o fato de andar pela rua em bicicleta já era muito perigoso, as *staffettes* corriam grande risco de serem paradas em blocos alemães, ainda que não participassem diretamente das ações armadas, ou serem metralhadas por caças americanos que atiravam em qualquer coisa que se movia nas estradas ou nos campos (PONZANI, 2012, p.75).

¹² Quando, alla fine dell'anno, portai a casa il bollettino che diceva "di razza ariana", mia madre, dopo avermi chiesto se l'avevo superato, mi disse di strapparlo "perché noi non siamo animali e le razze sono solo cavalli, bovini, maiali, canini..." (MENAPACE, 2014, p.32).



FIGURA 3 - Grupo de mulheres (Fonte: Tobagi, 2022, p.316).

O início propriamente dito das mulheres na clandestinidade do movimento antifascista começa em 1941 quando um grupo de mulheres na cidade de Parma assaltam um caminhão da empresa *Barilla* e distribuíram para as pessoas que passavam ao redor, como protesto pelo aumento e desaparecimento dos alimentos do supermercado, que Mussolini dias antes havia prometido não baixar a quantidade a ser distribuída, como também, o preço. Somando ao alto custo da farinha de trigo gerou o desaparecimento dos principais alimentos como o pão e o macarrão do mercado, isso já havia acontecido com outros itens básicos como o arroz, a farinha de milho, a carne, ovos, café e açúcar, se tornando extremamente difícil para as famílias de pobres encontrarem os alimentos, somando com a exaustão de trabalho pesado e a desnutrição. Muitas mulheres que haviam se manifestado foram presas, esse movimento ficou conhecido como *sciopero del pane*, e representou um ponto importante para o desenvolvimento e participação das mulheres dentro do movimento clandestino.

Pela primeira vez as mulheres arriscaram os seus empregos e a sua prisão ao saírem para as ruas. A partir desse momento, cada vez mais mulheres se juntam às fileiras da Resistência, seja por influência de amigos, irmãos, mães, ou até mesmo sem influência de terceiros, mas pela própria consciência. Nesse sentido, a greve do pão também é considerada a porta de entrada das mulheres no movimento anti-fascista clandestino. A questão alimentar era uma das motivações mais

preocupantes, as mulheres tiveram a importante tarefa de recuperar os alimentos (SECCHIA, TRASSATI, 1965).

“Na Itália as coisas estão piorando. Em outubro de 1941 o pão foi tributado. Se tem como uma perda, uma incerteza que logo se transformará em verdadeira desconfiança. Os cartazes com os quais os italianos foram convidados a assinar pela vitória estão descoloridos nas paredes. Quando em dezembro, após o ataque dos japoneses a Pearl Harbor, os Estados Unidos também entraram na guerra, não há mais dúvidas nos meios industriais e no mundo dos negócios e dos bancos: a guerra ao lado dos alemães foi um erro” (MAFAI, 2008, p. 140). Tradução nossa.¹³

A consciência antifascistas das mulheres começou a aflorar justamente dentro dos locais de trabalho, como as fábricas e indústrias, por protestos, manifestações e divulgação de cartazes e panfletos. Importante ressaltar que a remuneração recebida pelas mulheres era muito inferior à dos homens e o trabalho na fábrica é muitas vezes pesado. Fora que o salário recebido não era suficiente para alimentar uma grande família, que conforme mencionado anteriormente, eram demasiadamente grandes devido à propaganda fascista de que quanto mais população, mais sucedida à nação seria. Além disso, as mulheres possuíam uma dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho, uma vez terminado o turno de trabalho, voltem a ser donas de casa, mães, trabalham também como costureiras, realizando pequenos reparos ou tricôs para conseguir uma renda extra.

Economicamente falando, o país no decorrer do fascismo nunca teve avanços, nem mesmo do ponto de vista industrial. A tentativa de Mussolini de crescer o país através do crescimento demográfico não deu certo, uma vez que, não haviam as condições mínimas para que pudesse acontecer, substancialmente já com o início da guerra em 1939 a Itália não possuía as condições militares e econômicas necessárias para enfrentar uma guerra. Mussolini decide entrar em guerra juntamente com a Alemanha e contra a Inglaterra e a França. No decorrer e desenvolvimento da guerra, a popularidade do fascismo tem seu declínio, a opinião pública não apoia o envolvimento da guerra. Em julho de 1943 as tropas anglo-americanas desembarcam na Sicília, atingindo rapidamente o resto da região, deixando claro que a guerra evidentemente já estava perdida.

Em 1943 enquanto a crise estava intensa em um contexto de caos e esgotamento e Sicília estava sendo invadida pelos Aliados, os italianos agora mais do que nunca esperavam pela libertação do nazifascismo, principalmente, pois o exército italiano não tinha mais forças para lutar.

¹³ “Anche in Italia del resto le cose stanno peggiorando. Nell’ottobre del 1941 viene tesserato il pane. C’è come uno smarrimento, una incertezza che presto si trasformeranno in vera e propria sfiducia. Scolorano sui muri i manifesti con i quali gli italiani sono stati invitati a sottoscrivere per la Vittoria. Quando a dicembre, dopo l’attacco dei giapponesi a Pearl Harbour, anche gli Stati Uniti entrano in guerra, nei circoli industriali e nel mondo degli affari e delle banche non ci sono più dubbi: la guerra a fianco dei tedeschi è stata un errore.” (MAFAI, 2008, p.140).

Em março de 1943, os trabalhadores e trabalhadoras das fábricas no norte do país entraram em greve geral, expressando a emergência de uma oposição ao regime, começando em Turim e se expandindo para o restante do país. Nesse sentido, era notório que o fascismo estava fracassando. Em 25 de julho de 1943, Mussolini é demitido pelo Grande Conselho do Fascismo e deposto pelo Rei Vittorio Emanuele III.



FIGURA 4 - União nas ruas. (Fonte: Anselmi, 2003, p.7. 26 julho de 1943).

Após a notícia da prisão de Mussolini, muitas pessoas se uniram nas ruas e celebraram a queda do regime fascista. Anselmi (2003), destaca que foi a afirmação da liberdade de expressão através da reconquista dos espaços urbanos. Apesar da felicidade e alegria dos italianos que queriam paz, a guerra continuou. Em 27 de julho de 1943, é divulgado um novo decreto que dissolveu o Partido Nacional Fascista, enquanto ficou proibido a manifestação política, e reuniões com mais de três pessoas não eram permitidas. Fora que os cinemas foram fechados, as ruas à noite desertas devido ao toque de recolher. Tem-se início a resistência armada ao nazi-fascismo, como descreve Anna Bravo (1995), o 8 de setembro significou uma reviravolta, considerado o dia o qual a Itália derrotou suas alianças ao assinar o armistício de Cassibile com as forças britânicas e

americanas, onde o governo italiano deveria cessar suas hostilidades. Afinal, toda a Sicília havia sido conquistada em pouco mais de um mês, e o desembarque em Salerno em 9 de setembro parecia abrir perspectivas promissoras.

Além disso, as tropas alemãs, após a queda de Mussolini, tinham calmamente iniciado uma tal mudança de forças que não havia dúvidas sobre suas intenções de ocupar firmemente a península, destinada a desempenhar o duplo papel de baluarte e fonte de recursos humanos e econômicos para a continuação da guerra até o fim (PELI, 2014). Houve então uma mobilização popular (principalmente de mulheres) que foi totalmente independente das estruturas e diretrizes políticas. Além disso, isso significou uma divisão do país, e marca de fato o início da resistência civil, não só através da violência armada ou o uso de instrumentos, como também o auxílio às vítimas e perseguidos (BRAVO, 1995).

Em seu primeiro artigo, o armistício do dia 8 de setembro prevê a suspensão imediata de todos os atos hostis provindos do lado italiano a partir do momento divulgado pelo general Eisenhower. Prosseguindo, o segundo artigo determina a recusa de toda ajuda aos alemães, o terceiro artigo demanda a entrega imediata dos prisioneiros. Incluindo, os artigos quatro a seis regem a transferência das frotas italianas para os anglo-americanos. Enquanto o artigo sétimo do armistício concede aos anglo-americanos o uso de todo o território e da infraestrutura italiana para o prosseguimento da guerra. Por fim, o nono artigo declara a Itália culpada por qualquer falha no cumprimento dos presentes artigos.

Em 12 de setembro, Mussolini é liberado pelo grupo de paraquedistas alemães e levado para se encontrar com Hitler, que desejava que Mussolini assumisse o novo governo no norte-centro, pois colocar outra pessoa significaria reconhecer o fim da aliança Alemanha-Itália. No dia 18 do mesmo mês, Mussolini assume a retomada da guerra ao lado do aliado alemão, e o início de um novo governo fascista, que viria a se chamar *Repubblica Sociale Italiana*. A República, que foi oficialmente estabelecida em 27 de setembro de 1943, com a primeira reunião de seu governo na *Rocca delle Caminate*, não era um estado real, mas um simbolismo vazio de um estado. Na verdade, é uma república sem constituição, sem exército, sem fronteiras definidas, e cujo capital permanece mesmo indefinido (VENTRONE, 2015 ; BONTEMPELLI, 2011).

Tendo decidido entrar novamente na arena da política e da guerra sob a égide de Hitler, e colocar Pavolini à frente do novo partido fascista republicano, Mussolini recuperou uma certa tranquilidade e determinação. Portanto, transferido de Rastenburg para um castelo

perto de Munique, na manhã de 18 de setembro de 1943 ele gravou uma mensagem de rádio para os italianos, que foi transmitida na tarde daquele mesmo dia. "Homens e mulheres de toda a Itália", começa ele, "depois de um longo silêncio, aí vem novamente minha voz, que vocês certamente reconhecerão". Após uma série de frases retóricas, ele conclui: "Devemos retomar as armas ao lado da Alemanha e do Japão" (BONTEMPELLI, 2011, p.3). Tradução nossa.¹⁴

Em setembro do mesmo ano surgiram as primeiras organizações partidárias. As primeiras brigadas combatentes surgiram através da junção de alguns anti-fascistas, soldados que dão suas experiências para a luta armada, jovens já determinados desde o primeiro momento a pegar em armas, a iniciar a guerrilha imediatamente. As motivações que levaram à formação de grupos partidários estavam vinculadas ao ódio contra o fascismo e nazismo, a necessidade de fugir da deportação e medo da reação dos fascistas (Battaglia, 1975).

Em setembro de 1943, com a assistência do Comitê de Libertação Nacional (Comitato di Liberazione Nazionale CLN) foram formadas as primeiras bandas partidárias. Em menos de um ano, o número de partidários havia crescido para 82.000. Somente de junho a agosto de 1944 segundo o alto comando alemão os partidários, mataram cerca de 5.000 de seus soldados, e feriram outros milhares (DANA D'AMELIO, 2015, p.127). Tradução nossa.¹⁵

De acordo com a ANPI (*Associazione Nazionale Partigiani d'Italia*) a primeira cidade a ser libertada dos nazistas e fascistas foi Nápoles, sendo também a primeira cidade da Europa a ser libertada. Ainda, quanto ao número exato de mulheres participantes não se tem um consenso. Como aponta Kelly (2009) calcular o número de mulheres engajadas no movimento é muito difícil, não se tem uma certeza, uma vez que as mulheres tiveram sua história apagada, poucas foram reconhecidas pelo seu grande trabalho e esforço. Oficialmente, através dos dados coletados e compartilhados pela ANPI, cerca de 35.000 mulheres haviam participado como partidárias de pleno direito, outras 20.000 haviam sido reconhecidas como patriotas e cerca de 70.000 mulheres inseridas no Gruppi di Difesa della Donna.

No entanto, se incluir todos os apoios não oficiais e voluntários, é possível que o número de mulheres envolvidas chegue a dois milhões. Para muitas mulheres, a Resistência significava a

¹⁴ Una volta deciso di scendere nuovamente nell'arena della politica e della guerra sotto l'egida di Hitler, e di porre Pavolini alla testa del nuovo partito fascista repubblicano, Mussolini ritrova una certa tranquillità ed una certa determinazione. Perciò, trasferito da Rastenburg ad un castello vicino a Monaco, la mattina del 18 settembre 1943 registra un radiomessaggio per gli italiani, che viene trasmesso il pomeriggio di quello stesso giorno. "Uomini e donne di tutta Italia" – esordisce – "dopo un lungo silenzio ecco che nuovamente vi giunge la mia voce, che certamente riconoscerete". Dopo una serie di frasi retoriche conclude: "Dobbiamo riprendere le armi a fianco della Germania e del Giappone" (BONTEMPELLI, 2011, p.3).

¹⁵ In September 1943, with the assistance of the National Liberation Committee (Comitato di Liberazione Nazionale CLN) the first partisan bands were formed. In less than a year the number of partisans had grown to 82,000. From June to August 1944 alone, according to the German high command, the partisans killed about 5,000 of their soldiers, and wounded thousands more (DANA D'AMELIO, 2015 p.127).

conquista da cidadania política e o reconhecimento como cidadãs, como também pela busca da emancipação feminina. (KELLY, 2009). O número de vítimas também é grande, cerca de 4.563 mulheres foram presas e levadas para os tribunais republicanos, cerca de 625 foram torturadas nas câmeras de tortura e em ações de guerra documentadas. Além disso, 2.750 foram deportadas enviadas para a Alemanha.

O dado mais triste trazido por Rossini (2014), é que no final da guerra, desse grande número de mulheres que atuaram diretamente e indiretamente, apenas 19 receberam medalha de ouro ao valor militar, dentre essas 13 foram dedicadas à memória. Sendo elas: Irma Bandiera, Ines Bedeschi, Livia Bianchi, Gabriella degli Esposti in Reverberi, Cecilia Deganutti, Anna Maria Enriquez Agnoletti, Tina Lorenzoni, Ancilla Marighetto, Clorinda Menguzzato, Irma Marchiani, Norma Pratelli Parenti, Rita Rosani, Modesta Rossi Palletti, Virginia Tonelli, Iris Versari. Aquelas que foram reconhecidas ainda em vida foram: Gina Borellini, Carla Capponi, Paola Del Din, Vera Vassalle. Pode-se perceber o grande apagamento e marginalização que as mulheres sofreram, ao fazer uma comparação com o número de homens que receberam medalhas de ouro pela sua participação foram mais de 500.

Além disso, a participação e a contribuição das mulheres na luta contra o nazi-fascismo é deveras ampla e importante, mas difícil de analisar, uma vez que falamos de uma resistência escondida, esquecida, a maioria das vezes as mulheres desenvolveram um papel por trás dos bastidores, a frente das operações clandestinas. Eram responsáveis pela impressão de materiais, transportar e recolher armas pesadas e explosivos, como também medicamentos, transmitir as informações mais importantes, preparar esconderijos e realizar emboscadas para capturar o inimigo. Ao final da guerra, visando analisar e avaliar a complexidade da luta pela liberação, aqueles que fizessem parte de organizações regulamentadas a pelo menos três meses e tivessem realizado ao menos três ações de guerra e sabotagens foram reconhecidos como partigianos. Pelas características já mencionadas anteriormente, pode-se perceber que a ação feminina raramente se enquadraria nos pré-requisitos, especialmente por se tratar de grupos clandestinos que não eram regularizados (ZAGO, 2004).



FIGURA 5 - Grupo de Partigianas em Montefiorino (Fonte: Provinciale dei Democratici di Sinistra di Padova - Helene Zago, 5 abril, 2004).

Durante a Segunda Guerra Mundial, a região de Modena uma das mais envolvidas na luta de libertação, por formações partidárias, influenciadas sobretudo pelos ideais comunistas e pelo catolicismo, Montefiorino por estar localizada próximo à Linha Gótica tinha uma posição geoestratégica muito importante, linha gótica foi o Sistema de defesa organizado pelos alemães na região dos Apeninos. Começando no litoral oeste e se estendendo no mar Adriático em Pesaro. Homens e mulheres exerceram grandes esforços nesta região por meio de importantes ações militares, como a destruição da guarnição fascista em Cerredolo na província de Reggio Emilia, como também a ocupação da cidade de Fanano.

Aude Pacchioni foi uma das partigianas que atuou na região de Modena, ex presidente da ANPI de Modena, representou na brigada partidária *Diavolo* com o nome de Mimma quando tinha 16 anos quando transformou a fazenda da sua família em refúgio para soldados e judeus que fugiam dos campos de concentração. Igualmente, Irma Marchiani nascida na Toscana e crescida em um ambiente declaradamente antifascista, entra oficialmente na luta em 1944, com o nome de batalha Anty. Devido a seu grande esforço e coragem em guiar os partigianos em territórios altamente perigosos, foi nomeada comandante do batalhão Matteotti da divisão Modena, um nível realmente

impressionante, uma vez que, os homens e comandantes partidários não queriam mulheres em suas unidades, o universo partigiano também era machista, típico da sociedade italiana da época, sustentado principalmente pela educação machista e sexista recebida durante o período fascista, a concepção de que a mulher era frágil e decerto, incapaz de realizar qualquer atividade que exigisse inteligência, agilidade e resiliência.

"Quando em Roma o Gap começou a atacar os nazistas-fascistas, Maria Teresa Regard soube que, após um ataque realizado por ela mesma, "circularam rumores de que um homem disfarçado de mulher havia colocado a bomba no caminhão". A jovem guerrilheira percebe assim que "naquela época, a ideia de que tinha sido uma mulher era obviamente impensável"! (TOBAGI, 2022 p. 276). Tradução nossa.¹⁶

As ações executadas pelas mulheres foram igualmente fundamentais para o fim da ocupação da Itália e Resistência. As mulheres enfrentavam os mesmos perigos, muitas vezes até mais que os homens. A mulher ao adentrar e participar do movimento tinha sua reputação manchada e sofriam sobretudo com a hostilidade dos próprios companheiros. Tobagi (2021), chama a atenção para outro ponto pelo qual os partisans não queriam mulheres a participar da resistência: através da mentalidade comum machista, não se pode controlar os "instintos do homem predador", as mulheres principalmente se jovens, significam uma distração para os homens, afastando-os do objetivo principal que era a Libertação da Itália.

"Quando elas finalmente são admitidas na brigada, a situação pode se tornar ainda mais desagradável. Alba Dell'Acqua, por exemplo, uma ajudante de um médico que trata de partisans, após um mês de dificuldades na floresta consegue chegar a um comando de resistência junto com o médico e os soldados feridos que eles salvaram. Ela entra imediatamente na cabana de comando para se apresentar ao líder. O comandante de brigada, um monarquista, ela conta, "me questiona e pergunta: "Mas você está aqui para ser um partidário ou uma prostituta?" (TOBAGI, 2022, p.229). Tradução nossa.¹⁷

Em uma carta enviada a seu irmão Piero, diz que seu comandante o elogiou: "Você tem algo no olhar que diz que saberá comandar. Sua mente tem a máxima confiança. Mulheres eu nunca pensei em contratar, mas você sim" (ISR LA SPEZIA, 2014 p.2). Ao ser capturada pelos nazi-fascistas e próxima de ser fuzilada na prisão, escreve uma carta para a sua irmã, Pally.

¹⁶ Quando a Roma i Gap iniziarono ad attaccare i nazifascisti, Maria Teresa Regard venne a sapere che, dopo un attentato compiuto da lei stessa, "circolava la voce che un uomo travestito da donna avesse messo la bomba nel camion". La giovane guerrigliera si rese così conto che "a quel tempo, l'idea che fosse stata una donna era ovviamente impensabile! (TOBAGI, 2022 p. 276).

¹⁷ Quando finalmente vengono ammessi in brigata, la situazione può diventare ancora più spiacevole. Alba Dell'Acqua, ad esempio, aiutante di un medico che cura i partigiani, dopo un mese di privazioni nella foresta riesce a raggiungere un commando della resistenza insieme al medico e ai soldati feriti che ha salvato. Entra subito nella capanna di comando per presentarsi al capo. Il comandante della brigata, un monarchico, racconta la donna, "mi interroga e mi chiede: "Ma tu sei qui per fare il partigiano o la puttana? (TOBAGI, 2022, p.229).

Minha amada Pally, estes são os últimos momentos da minha vida. Amada Pally, eu lhe digo: cumprimente e beije todos aqueles que se lembrarão de mim. Acredite, eu nunca fiz nada que ofendesse nosso nome. Ouvi o chamado da pátria pela qual lutei: agora estou aqui, mas dentro de pouco tempo não estarei mais, morrerei certa de ter feito tudo o que pude para que a liberdade triunfasse. Beijos e beijos de seu Paggetto. Eu gostaria de ser enterrada em Sestola (Carta escrita por Irma Marchiani em 26/11/1944, - ISR LA SPEZIA, 2014 p.3).¹⁸

Tobagi (2022), evidencia que as principais características que uma *staffeta* deve ter são as seguintes: saber andar de bicicleta, possuir boa memória, táticas e criatividade para conseguir escapar, não desejar saber mais do que o necessário, pois caso seja presa e torturada, quanto menos souber, melhor para ela mesma, e deveriam também conseguir sair sem chamar atenção, por isso, deveriam vestir roupas simples. As *staffettes* tinham em sua maioria entre 16 e 18 anos e tinham como principal tarefa transportar mensagens, sem esse trabalho, não seria possível para os militantes se organizarem para agir nas zonas de conflito.

As *staffette* carregam também as pessoas importantes, como os comandantes, oficiais aliados que necessitam de ajuda para se translocar de um local a outro, uma vez que conhecem plenamente o território o qual vivem, e rapidamente encontram rotas alternativas em caso de fiscalização ou qualquer outra ação militar sem aviso prévio. Além disso, frequentemente eram responsáveis por carregar armas e explosivos em uma bolsa com fundo falso que conseguisse esconder facilmente uma arma para os ataques e sabotagens, uma tarefa muito arriscada, uma vez que normalmente estavam de bicicleta. Além disso, as mulheres eram elos fortes na luta armada, correndo ainda mais riscos do que os homens, pois em caso de serem capturadas, sofriam também com a violência sexual pelo inimigo, que não era frequente no capturamento dos homens.

No que se refere a motivação das mulheres para adentrar os movimentos de Resistência, Pantaloni (2021) explica que cada mulher tinha seus motivos específicos, algumas haviam perdido amigos pelo fato de serem judeus, outras haviam perdido irmãos na guerra, ou que tinham retomado em situações dolorosas, ou que simplesmente não concordavam com a atuação estrangeira no país, mas um ponto todas tinham em comum: queriam deter a barbárie que estava ocorrendo no país.

¹⁸ Mia adorata Pally, sono gli ultimi istanti della mia vita. Pally adorata ti dico a te saluta e bacia tutti quelli che mi ricorderanno. Credimi non ho mai fatto nessuna cosa che potesse offendere il nostro nome. Ho sentito il richiamo della Patria per la quale ho combattuto, ora sono qui... fra poco non sarò più, muoio sicura di aver fatto quanto mi era possibile affinché la libertà trionfasse. Baci e bacini dal tuo e vostro Paggetto. (Vorrei essere seppellita a Sestola Lettera scritta da Irma Marchiani il 26/11/1944, - ISR LA SPEZIA, 2014 p.3).



FIGURA 6 - Partigiana Olema Righi, nome de batalha “Wanda”, em 29 de abril de 1945 em Modena (Fonte: Tobagi, 2022).

2.2 Processo emancipatório feminino

Através de uma visão de gênero, pode-se notar que a Segunda Guerra Mundial se teve um grande significado para a inversão dos papéis na sociedade, enquanto os homens no exército tiveram uma perda significativa de liberdade, uma vez que deveriam se sujeitar a uma dura disciplina militar, a maioria das mulheres teve sua condição feminina transformada dentro da sociedade, podendo trabalhar em fábricas e ocupar papéis que antigamente nunca sonhariam em poder realizar. Foi com a Resistência que o movimento de emancipação da mulher se desenvolveu na Itália, uma vez que a luta armada significou o nascimento da Constituição e a instauração da República Italiana. Os anos de guerra e Resistência significaram para as mulheres novas oportunidades, marcando o início do papel de liderança que as mulheres exerceram, começando o processo de reconhecimento como cidadãs. A estrada para o reconhecimento dos direitos das mulheres foi cheia de obstáculos, conforme já anunciado neste trabalho anteriormente, Olympe de Gouges formulou uma Declaração dos Direitos da Mulher e do Cidadão reivindicando que a mulher nasce livre e tem direitos iguais aos do homem, portanto, exigindo também o direito de voto.

Apesar disso, na Itália não se tem nenhuma evolução ao resguardo dos direitos das mulheres ao voto, somente com a chegada da Segunda Guerra Mundial com a reivindicação das mulheres, é justamente nesse contexto onde as italianas ganham uma autoridade nunca reconhecida, onde todas elas se mobilizam. Algumas atuaram diretamente envolvidos na resistência armada: como as *gappiste*, participantes do *Gruppo di Azione Patriottica*, que será abordado com detalhes no capítulo a seguir, combatentes que atacavam o inimigo com armas ou '*staffette*', Muitas outros, talvez não tão celebradas mas não menos importantes, estiveram engajados através de oferecem apoio, divulgam material de propaganda, escondem judeus, opositores, fugitivos e partidários, desempenham papéis de mediação ou trabalham para obter a libertação dos presos políticos.

Além disso, elas se organizam: nascem os Grupos de Defesa da Mulher (1943), a União das Mulheres Italianas e o Centro Italiano da Mulher (1944). Finalmente, nasceu um comitê pró-voto. Ademais, as próprias mulheres não foram capazes de documentar as próprias vivências porque a luta e a busca pela sobrevivência e existência social não tem fim com o final da guerra, Mesmo com a aquisição do voto em 1945 na Itália, o reconhecimento como cidadãs e ser munido de direitos ainda leva um tempo a ser conquistado.

As mulheres eram retransmissores fundamentais dos sentimentos da vida civilizada, reunidas com o pão, as armas, as roupas limpas, as comunicações fundamentais sem as quais os bandos partidários não teriam resistido e os territórios não teriam tido a sua pequena e crescente dose diária de esperança. Depois da guerra não houve reconhecimentos para a grande maioria destas mulheres e também por isso não temos listas completas, não só pela razão óbvia de que a sua existência exigia a clandestinidade para o sucesso das ações. Registamos, mais de setenta anos depois, a superficialidade de quem, por ofício ou paixão, pretendia deixar uma memória daqueles anos, a desvalorização de quem de imediato teve visibilidade na narração de um exército predominantemente masculino, do os mesmos que se beneficiaram dessa extraordinária capilaridade, dos mesmos que conheceram o Gdd e seus representantes no CLN (ORLANDINI, 2018, p. 10). Tradução nossa.¹⁹

Os caminhos e motivações que levaram as mulheres a adentrar dentro da Resistência são longos e diversos. Algumas por medo, outras por necessidade. Algumas por influência familiar, nascimento em berço antifascista, outras foram voluntárias e decidiram encarar a vida clandestina

¹⁹ Le donne furono fondamentali staffette di sentimenti del vivere civile, portati insieme al pane, alle armi, agli abiti puliti, alle fondamentali comunicazioni senza le quali le bande partigiane non avrebbero potuto resistere e i territori non avrebbero avuto la loro piccola e crescente dose quotidiana di speranza. Dopo la guerra non ci furono riconoscimenti per la stragrande maggioranza di queste donne e anche per questo non abbiamo elenchi completi, non solo per l'ovvio motivo che la loro esistenza esigeva la clandestinità per il successo delle azioni. Registriamo, a più di settant'anni di distanza, la superficialità di chi per mestiere o per passione era intenzionato a lasciare memoria di quegli anni, la svalutazione di chi ha avuto da subito la visibilità nella narrazione di una resistenza prevalentemente maschile e armata, degli stessi che di quello straordinario lavoro capillare hanno fruito, degli stessi che hanno conosciuto i Gdd e le sue rappresentanti nei Cln (ORLANDINI, 2018, p. 10).

na esperança de um futuro melhor. No capítulo posterior será abordado de que forma as mulheres partigianas participaram da organização dos grupos como GAP (Gruppi di Azione Patriottica), SAP (Squadre d’Azione Patriottica), Gruppi di Difesa della Donna (GDD). Devido à complexidade do tema, não será possível abordar a história e a participação de todas as mulheres. Portanto, serão evidenciadas as seguintes combatentes: Irma Bandiera representando o GAP, como Carla Capponi, partigiana que liberou Roma e inicialmente atuava no GAP, Tina Anselmi, Iris Versari, Amalia Geminiani, Edera de Giovanni, e por fim, Ada Gobetti.

3 LUTA PARTIGIANA

3.1 *Gruppi di Azione Patriottica (GAP)*

Os Grupos de Ação Patriótica (GAP) surgem, por manifestações diretas do Partido Comunista Italiano (PCI), após as greves de março de 1943, mas seus dados oficiais aparecem somente após o armistício de 8 de setembro, ligado politicamente ao movimento comunista. Trata-se de grupos pequenos que buscavam ao máximo manter o sigilo e a segurança de seus participantes. Como descreve Pelli (2004), os *gappistas* viviam na clandestinidade, separados e sem vida social, são soldados que não possuem uniformes, e nenhuma outra identificação para não serem identificados e usam nome de batalha, evitando divulgar o próprio nome.

A escolha feminina de participar ativamente da luta armada da Resistência ocorre também pelo contexto de pertencimento de suas protagonistas, uma vez que seria uma clara oposição ao fascismo que rebaixou a figura feminina a um lugar subordinado ao homem, obrigando a se sacrificar pela posição do homem, a nível escolar, político e social. A mulher fascista deveria ser uma boa mãe, esposa, fiel ao lar e a família. Nesse sentido, a luta armada é, portanto, uma guerra íntima e um sofrimento que vai muito além dos ideais de liberdade nacional, se transforma em um combate para sair da situação de inferioridade social e para se vingar de um regime que gerou miséria e dor para os italianos e italianas (LUSUARDI, 2017).

Como destaca Orlandini (2018), a figura feminina mais ancorada no imaginário coletivo da luta de libertação era sem sombra de dúvidas a de *staffette*, a qual fornece um suporte indispensável dentro da Resistência armada, como também já demonstrado ao longo deste trabalho. Dentro do Gruppo di Azione Patriottica, podemos elencar como exemplo, Carla Capponi, uma das mulheres que receberam medalha de ouro por sua participação no combate, mais especificamente por ser a partigiana que liberou Roma da ação nazista.

Carla Capponi nasce em 1921 em Zagarolo, uma cidade próxima a Roma, em uma família antifascista. Apesar de nascer em família burguesa, Carla foi obrigada a deixar os estudos de Direito com a morte de seu pai, trabalhando como assistente de um médico da Secretaria da Saúde, e posteriormente como arquivista no laboratório químico do *Corpo Reale delle Miniere*, para contribuir com os gastos familiares. Ao perceber a importância em deixar registrado sua vivência para que não caia no esquecimento a luta das mulheres partigianas, em seu livro “*Con Cuore di Donna*” descreve as escolhas que a levaram a lutar, bem como, a vida em Roma durante o período

da Resistência italiana. Carla adentra aos movimentos políticos a pedido de sua amiga que a pede um favor de realizar uma reunião comunista em sua casa, cujo objetivo era mobilizar para obter a libertação dos políticos encarcerados, e assim sua casa também acaba se tornando um dos pontos mais importantes para a militância antifascista, com a presença das figuras mais importantes como Gioacchino Gesmundo, Giacomo Pellegrini, Mario Leporatti, Luciano Lusana, Adele Bei e Rosario Bentivegna (EMMANUELLI, 2021).

No dia seguinte, nos encontramos com Maria Maggi, que me pediu para sediar uma reunião de alguns comunistas católicos, como um grupo de jovens, muitos deles da escola secundária Visconti, então se chamaram; entre eles estavam Marisa Cinciari e Silvia Garrone, que tinham acabado de sair da prisão Regina Coeli, onde tinham que servir um ano por manifestações anti-guerra organizadas na universidade. Então, Maria me colocou em contato com Dario Puccini, que trabalhava em uma editora, e assim começou meu envolvimento político (CAPPONI, 2000, p.6). Tradução nossa.²⁰

Em seu livro conta que o segundo passo para a clandestinidade, se deu quando estava em casa com sua mãe e observaram o aparecimento de um grupo de civis armados com espingardas apontadas sobre os ombros, os convidaram a descer e auxiliar os soldados em combate. Após o armistício do 8 de setembro, se dedicou ativamente à luta clandestina, com o nome de batalha “Elena”, passando a participar das organizações do GAP, atuando em Roma e nas cidades próximas como Zangaloro, e Valmontone. No dia anterior já estava atuando na região da Basílica de São Paulo em Roma, socorrendo os soldados, os forneceu alojamento em sua própria casa, emprestando as roupas que eram de seu falecido pai, e distribuiu alimentos e materiais necessários junto com outras mulheres atuantes do GAP. Ser uma partigiana significava ir contra os padrões impostos pela sociedade patriarcal, renunciar ao nome e às origens, dar-se uma nova identidade e fazer uma ruptura com o passado.

A esse convite, pensei que eu também poderia ser útil em um lugar onde houvesse brigas: 'Eu vou', eu disse a minha mãe. "Mas você está louco! Para que vai uma mulher? Esse convite é para os homens". "Eu vou ver. Mulheres e homens serão todos úteis". O homem que liderava o grupo perguntou para onde eu estava indo: "Eu vou com você". "Você tem algum parente entre os soldados?" "Não", respondi secamente, "tentarei fazer-me útil". "Ótimo! Mas você sabe que em breve haverá luta aqui?" "É por isso que eu estou aqui", respondi. Ele se apresentou, disse que era do Partido Ação e, com muita insolência, declarei-me comunista. "Aqui está uma jovem 'Pasionaria'" (CAPPONI, 2000, p.15). Tradução nossa.²¹

²⁰ Il giorno dopo ci incontrammo con Maria Maggi, che mi chiese di ospitare una riunione di alcuni cattocomunisti, come si chiamava allora un gruppo di giovani, molti dei quali provenienti dal liceo Visconti; tra loro c'erano Marisa Cinciari e Silvia Garrone, appena uscite dal carcere di Regina Coeli, dove dovevano scontare un anno per le manifestazioni contro la guerra organizzate all'università. Poi Maria mi ha messo in contatto con Dario Puccini, che lavorava in una casa editrice, e così è iniziato il mio impegno politico (CAPPONI, 2000, p.6).

²¹ A questo invito, ho pensato che avrei potuto essere utile anche in un luogo dove si combatteva: "Ci vado", ho detto a mia madre, "ma tu sei pazza! Cosa vuole una donna? Questo invito è per gli uomini". Andrò a vedere. Donne e uomini

Inicialmente, Capponi se ocupava apenas de socorrer e auxiliar os feridos, mas à medida que prosperava no movimento, suas responsabilidades aumentaram, como staffette, vigilante e outros. Além disso, sua casa se torna um armazém para os armamentos e equipamentos do grupo, como também, se torna um local seguro para que as mulheres aprendam os princípios da luta partisan com os ensinamentos passados por Adele Bei, uma das figuras importantes para a fundação do Partido Comunista Italiano (EMMANUELLI, 2021). Passou a atuar na formação gappista Carlo Pisacane, estruturado por Bentivigna. A primeira missão da qual ficou encarregada, foi de localizar onde estavam situados os núcleos fascistas. Entretanto, para ela era insuficiente, afirmava que não queria ficar na sombra. A arma era a única coisa que as colocavam em pé de igualdade com seus camaradas partisans, para que as mulheres pudessem se livrar facilmente dos nazistas, era necessário uma metralhadora. (TOBAGI, 2021). A este propósito, Carla Capponi lembra que para os homens pertinentes ao GAP, a arma para mulheres era desconveniente, para eles, as mulheres deveriam se limitar a encobrir a presença dos militantes, passando por namoradas ou esposas, apenas lhe reservavam as funções de apoio.

Eu, também, queria conseguir uma arma, mas fui constantemente negada por meus camaradas do GAP porque, segundo eles, nós mulheres tínhamos que nos limitar a disfarçar sua presença nos locais dos ataques fingindo ser suas namoradas: estavam convencidas de que, desta forma, correriam menos riscos. Consegui roubar um no ônibus de um jovem GNR: era novinho em folha, uma Beretta com sua revista, que o jovem agarrou firmemente aos quadris com seu cinto (CAPPONI, 2000, p.20). Tradução nossa.²²

Contudo, Carla não estava de acordo, e dessa forma, para mostrar sua capacidade decide roubar de um soldado da Guardia Nazionale Repubblicana uma arma para sua própria defesa. (PONZANI, 2012). Essa ação comprova aos companheiros e participantes do GAP a força que a combatente traz consigo, e a capacidade que possui. A partir desse momento, passa a participar de diversas operações com o uso de armas, abrindo possibilidades para outras mulheres dentro do GAP atuarem na linha de frente. No final de janeiro de 1944, o GAP romano passa por uma reestruturação, Carla foi transferida para o sul de Roma, para a 8ª Zona, uma vez que sua casa já

saranno tutti utili". L'uomo che guidava il gruppo mi chiese dove stavo andando: "Vengo con voi". "Ha qualche parente tra i soldati?" "No", risposi seccamente, "cercherò di rendermi utile". "Bene! Ma sai che presto ci saranno dei combattimenti qui?" "È per questo che sono qui", risposi. Si è presentato, ha detto di essere del Partito d'Azione, e con grande insolenza mi sono dichiarato comunista. "Ecco una giovane 'Pasionaria'" (CAPPONI, 2000, p.15).

²² Anch'io volevo procurarmi una pistola, ma mi veniva costantemente negata dai miei compagni GAP perché, secondo loro, noi donne dovevamo limitarci a mascherare la nostra presenza sui luoghi degli attentati fingendoci le loro fidanzate: erano convinti che, in questo modo, avrebbero corso meno rischi. Sono riuscita a rubarne una sull'autobus di un giovane GNR: era nuova di zecca, una Beretta 9 con il suo caricatore, che il giovane teneva ben stretta ai fianchi con la cintura (CAPPONI, 2000, p.20).

não era mais um local seguro, após inúmeras tentativas de retaliações por parte dos nazistas, ela precisava se proteger.

Logo após, retorna a colaborar com as ações na área central de Roma. Em 3 de março, ela esteve presente ao assassinato de Teresa Gullace, evento esse que veio a ser considerado símbolo da Resistência, visto que era mãe de cinco crianças, e estava novamente grávida e foi assassinada pelos alemães enquanto tentava se aproximar do marido que estava sendo preso e deportado para os centros de concentração na Alemanha. Capponi no impulso e desespero, saca sua arma e aponta para o assassino. Foi presa, mas logo após liberada, graças a ajuda de Marisa Musu, que colocou em seu bolso uma carteira de uma instituição fascista, o *Gruppo Onore e Combattimento* (EMMANUELLI, 2021).

No dia 24 de março de 1944, acontece o ataque mais importante durante o período de combate de Carla Capponi, o GAP decide enfrentar os homens pertencentes ao 3º batalhão do *Polizeiregiment Bozen*, ligado a Polícia Militar que costumavam passar nas proximidades da Via Rasella em Roma todos os dias. Em sua autobiografia *Con cuore di Donna*, relembra que o mês de março para o *Gruppo di Azione Patriotica* foi árduo, logo no início do mês o GAP já tinha perdido um quarto de seus melhores combatentes, a escolha do dia 23 de março foi planejada levando em conta o aniversário de 25 anos da instauração do fascismo em Milão (CAPPONI, 2000).

O ataque na rua Rasella foi muito estudado pela partigiana e seus companheiros, e estabelecida em razão de pouco povoamento nesse local, desprovida de negócios e lojas, causando os menores danos possíveis à população civil. No dia, Capponi carregava alguns explosivos em sacos de compras, escondidos por vegetais, enquanto esperava que seu noivo que se disfarçava através de coletor de lixo, e que tinha o papel de ajudar a fugir. O plano foi concluído, causando a morte de trinta e três oficiais alemães, provocando a fúria de Hitler, que a partir disso monta o plano Fosse Ardeatine, ordenando que para cada oficial morto, 10 italianos deveriam ser executados.

Carla Capponi foi condecorada com Medalha de Ouro, pelo valor militar, a mulher que sozinha se expôs a aniquilar o inimigo, arriscando sua vida pela causa a qual acreditava. Posteriormente, leva sua carreira política adiante, participando como deputada do Partido Comunista Italiano, buscando sempre exaltar o papel das mulheres na sociedade italiana, bem como, participou da presidência da Associazione Nazionale Partigiani d'Italia, até o ano de sua morte em 2000 (CAPPONI, 2000; VIGANO, 1955).

Irma Bandiera fez parte do sétimo Gruppo di Azione Patriottica, Irma, que recebe o nome de batalha, Mimma a primeira entre as mulheres bolonhesas a pegar uma arma e lutar, nasceu em 8 de abril de 1915 a Bolonha, de família com boas condições financeiras e estudos. Seu pai era um capataz e construtor, logo após o seu nascimento, foi convocado para ir para ao frente de batalha. Felizmente, consegue retornar para o lar, mas a experiência direta com a violência da guerra faz com que crie sentimentos pacifistas e antifascistas. No período entre as duas guerras, Irma divide seu tempo entre brincar e estudar, rodeada pelo afeto de seus pais e de sua irmã mais velha, Nastia. Sua vida é abalada e perturbada em 1943 por uma série de eventos que transformam sua quietude em ativismo e paixão política (EMMANUELLI, 2021).

Irma era professora primária. Pertencer a 7ª GAP a Bologna naquele período significava deixar para trás todos os medos, se acostumar com perigos imediatos, ver o próprio fim na frente de seus olhos, juntamente do sofrimento. Irma sabia disso, muitos eram os presos, a tortura se tornava comum todos os dias nas prisões fascistas. Durante o armistício e a dissolução das Forças Armadas, Mimma auxiliava os militares desmobilizados e se interessou por assuntos relacionados à política e o Partido Comunista. Passa a colaborar com o Grupo de Ação Patriótica aos 28 anos. (RIZZOLI, 2015; VIGANO, 1955) As fotografias relatam uma mulher alta, elegante, de batom cor escura que não passa despercebida, mas, por não parecer suspeita, carregava armas e informações importantes. Como destaca Tobagi (2022), a maquiagem era também uma arma de sedução, um disfarce como as gravatas e ternos para os homens, uma vez que, para os fascistas e nazistas, as partisans não eram nada mais do que pessoas de classes inferiores.

Irma tinha vinte e três anos na época, ela pertencia a uma família próspera, ela podia se mudar para qualquer país seguro, arrumar suas coisas, fazer como todos aqueles que pensavam em si mesmos e num futuro possível quando a guerra terminasse. Não havia nada que a prendesse à luta clandestina, já ardendo e viva na vida subterrânea do país; sem experiências, sem tristezas, sem tradições familiares. Ela teria sido como tantas outras meninas que não fizeram nada a favor ou contra aquele grande e mortal movimento que varreu a cidade e o campo, que era risco e esperança, e mais tarde talvez a morte, mas a certeza da vitória. Em vez disso, ela tinha algo em seu coração que era mais velho que seus poucos anos, um chamado, uma fé, um ensinamento. Sua vida entrou em batalha e ela, a pequena Irma, bela e sorridente, jovem, tornou-se um soldado (VIGANO, 1955, p.14). Tradução nossa.²³

²³ Irma aveva ventitré anni all'epoca, apparteneva a una famiglia benestante, poteva trasferirsi in qualsiasi paese sicuro, fare le valigie, fare come tutti quelli che pensavano a se stessi e a un possibile futuro quando la guerra fosse finita. Non c'era nulla che la legasse alla lotta clandestina, già ardente e viva nella vita sotterranea del Paese; nessuna esperienza, nessun dolore, nessuna tradizione familiare. Sarebbe stata come tante altre ragazze che non hanno fatto nulla per o contro quel grande e mortale movimento che attraversava la città e il paese, che era rischio e speranza, e più tardi forse morte, ma la certezza della vittoria. Invece, nel suo cuore c'era qualcosa di più antico dei suoi pochi anni, una chiamata, una fede, un insegnamento. La sua vita è entrata in battaglia e lei, la piccola Irma, bella, giovane e sorridente, è diventata un soldato (VIGANO, 1955, p.14).

Em agosto de 1944, Irma e seus companheiros invadiram um escritório alemão e assassinaram o comandante da Brigada Negra Fascista, alguns dias depois receberam retaliações por parte dos fascistas, onde foram presos e levados para San Giorgio di Piano, província de Bolonha, no dia seguinte retornando de uma missão em Castelmaggiore, Irma foi parada por um agente alemão, capturada e transferida para Bolonha. Uma das regras estabelecida pelos Gappistas e em caso de descobrimento, não repassar nenhuma informação. Os fascistas acreditavam que Mimma revelaria as informações. Mas ao contrário, ela se manteve o silêncio até o final, resistindo à tortura para salvar seus companheiros. Eles a torturaram por sete dias para tentar recolher as informações sobre as bases e nome de seus companheiros de luta.

Eles a pisaram, bateram nela, a torturaram e ela ficou quieta. Cada um deles inventava uma coisa nova para machucá-la, eles glorificavam os talentos um do outro, mas ela se calava. Aqueles nomes de camaradas, de gerentes, dos responsáveis que queriam arrancar da boca dela, permaneceram ali, inconscientes, indescritíveis, em meio aos gritos e prantos. Eram algumas sílabas e teriam denunciado tantas pessoas, os torturadores prometeram-lhe liberdade, salvação em troca dessas poucas sílabas. Mas a pequena Irma, ela não disse nada, em meio a seus lamentos (VIGANO, 1955, p.15).²⁴

²⁴ L'hanno calpestata, picchiata, torturata e lei ha taciuto. Ognuno di loro inventava qualcosa di nuovo per ferirla, si glorificavano a vicenda dei propri talenti, ma lei taceva. Quei nomi di compagni, di dirigenti, di responsabili che volevano strapparle di bocca, rimasero lì, inconsapevoli, indescrivibili, tra le urla e i pianti. Erano poche sillabe e avrebbero denunciato tante persone, gli aguzzini le promisero la libertà, la salvezza in cambio di quelle poche sillabe. Ma la piccola Irma, tra i suoi pianti, non disse nulla (VIGANO, 1955, p.15).



FIGURA 7 - Irma Bandiera, nome de batalha Mimma, 1944. (Fonte: ANPI BOLOGNA. Disponível em: https://www.bibliotecasalaborsa.it/bolognaonline/cronologia-di-bologna/1944/il_martirio_di_irma_bandiera).

Como evidência Rizzoli, 2015, p.39 “Eles a levaram para sua casa e lhe disseram: “Naquela casa estão seus filhos, se você não falar, nunca mais os verá”. Ela não fala; os fascistas lhe arrancam os olhos. Depois eles descarregam metralhadoras sobre ela.” Em 14 de agosto de 1944, seu corpo é deixado exposto ao olhar de pedestres e transeuntes. Com o fim da Resistência, Irma Bandiera recebeu em memória a medalha de ouro pela valentia militar, assim como outras 18 mulheres.

Tina Anselmi, nascida em 25 de março de 1927 em Castelfranco, no Vêneto, em uma família camponesa e católica, especialmente com sua avó, a qual herdou seu caráter forte e guerreiro. Seu pai era antifascista e possuía ideais socialistas, conseqüentemente perseguido pelos fascistas. Vivenciando o auge do fascismo, acaba por se aproximar da Resistência quando os nazistas obrigaram os estudantes da escola a qual frequentava assistirem ao enforcamento de trinta e um jovens mortos por represálias, dentre os jovens estava o irmão de sua colega de classe. O ocorrido gera grandes questionamentos dentro de si, como era possível assistir tanta brutalidade sem

fazer nada, o que era possível fazer para que a situação dos jovens italianos não piorasse (ARNALDI 202; TOBAGI 2012).

No primeiro artigo da doutrina do fascismo dizia: O Estado é um valor absoluto, nada fora do Estado, nada contra o Estado, nada acima do Estado: o Estado é uma fonte de ética. De acordo com essa doutrina, toda lei é legítima e justa porque vem do Estado, e é justo que o cidadão acredite, obedeça e lute sem se fazer perguntas, sem raciocinar com sua própria cabeça. Enquanto a doutrina foi aprendida na escola, não demos atenção a ela, apenas a aprendemos. Mas quando vimos o que essa doutrina levou, seus efeitos práticos, os adversários e para matá-los, para matar os doentes mentais porque a raça alemã tinha que perecer, o direito de queimar pessoas nos crematórios, quando vimos um médico queimado na praça da cidade que era culpado de ter tratado um partidário, quando ouvimos os lamentos das carruagens saqueadas que deportavam nossos soldados para a Alemanha, então rejeitamos e lutamos contra um regime político que legitimava as coisas mais terríveis em nome do Estado (ANSELM, 2003, p.17). Tradução nossa.²⁵

A jovem de 17 anos toma a decisão de adentrar a Resistência com o nome de Gabriela, em homenagem ao Arcanjo Gabriel, uma vez que foi responsável por expulsar os demônios do céu. Enquanto continuava a estudar, a menina percorria cerca de 100 a 120 quilômetros à noite de bicicleta de madrugada antes de ir para a escola, para participar das missões e obrigações da luta. Tina, ou Gabriela, atuava como *staffetta* na Brigada Autônoma Cesare Battisti, sob o comando de Gino Sartor, onde operavam católicos, socialistas e comunistas, onde lhe foram confiados papéis de grande importância, (BARBIERI, 2018).

Outro grande exemplo de jovem a participar da Resistência após o armistício, foi Iris Versari. Íris nasce no dia 12 de dezembro de 1922 na cidade de Portico San Benedetto (Forlì), na região de Emilia-Romanha, em uma família camponesa socialista de origem humilde. Cresce e forma seu caráter em um lar que demonstrava igualdade, afeto e solidariedade. Se viu obrigada a abandonar os estudos ainda no ensino fundamental para trabalhar em outras cidades como empregada, o que era comum em famílias pobres (GREMENTIERI, 2003; EMMANUELLI, 2021).

Até que a guerra partigiana a oferece outras possibilidades, quando sua família durante o *Movimento di Liberazione* abre a fazenda para refugiar os partigianos e judeus que estavam em fuga, como também feridos ou aqueles que planejavam emboscadas. Iris inicialmente auxiliava como *staffetta*, mas com a melhora em seu desempenho começa atuar como combatente em janeiro

²⁵ Il primo articolo della dottrina del fascismo diceva: Lo Stato è un valore assoluto, nulla al di fuori dello Stato, nulla contro lo Stato, nulla al di sopra dello Stato: lo Stato è una fonte di etica. Secondo questa dottrina, ogni legge è legittima e giusta perché proviene dallo Stato, ed è giusto che il cittadino creda, obbedisca e combatta senza porsi domande, senza ragionare con la propria testa. Mentre la dottrina veniva appresa a scuola, non vi prestavamo attenzione, la imparavamo e basta. Ma quando abbiamo visto a cosa portava questa dottrina, i suoi effetti pratici, gli oppositori e ucciderli, uccidere i malati di mente perché la razza tedesca doveva perire, il diritto di bruciare le persone nei forni crematori, quando abbiamo visto bruciare nella piazza del paese un medico colpevole di aver curato un partigiano, quando abbiamo sentito i lamenti delle carrozze saccheggiate che deportavano i nostri soldati in Germania, allora abbiamo rifiutato e combattuto contro un regime politico che legittimava le cose più terribili in nome dello Stato (ANSELM, 2003, p.17).

de 1944, no batalhão autônomo Sirio Corbari. No final do mesmo mês, a família Versari sofre retaliações por parte dos nazi-fascistas, e a casa é incendiada. Seus pais e os três irmãos são presos e enviados para a Alemanha, enquanto Iris afortunadamente consegue fugir (EMMANUELLI, 2021).

Iris tinha uma família de tradição socialista e antifascista e depois de 8 de setembro de 1943 foi fácil para ela decidir de que lado ficar. Ela viveu no campo e começou a ajudar os meninos que não queriam ser soldados na República fascista de Salò e por isso se refugiaram nas montanhas. Depois de algumas semanas, formaram-se os primeiros núcleos de formações partidárias, entre eles o Batalhão Corbari e Iris, a única mulher que decidiu ingressar nele (GREMENTIERI, 2022). Tradução nossa.²⁶

Em 18 de agosto de 1944, através de uma denúncia, o local onde Íris e seus companheiros estavam escondidos, é atacada por alemães. Mesmo com a perna imobilizada devido a uma lesão em combate anterior, não desiste, luta o máximo que consegue. O ato de coragem de Íris facilita a fuga de seus companheiros. Lamentavelmente, a partigiana não é capaz de fugir. Para não sofrer com a brutalidade dos nazistas, como também não ser torturada, a combatente se suicida. Iris é condecorada com medalha de ouro a memória.

3.2 *Squadre d' Azione Patriottica (SAP)*

A *Squadra d'Azione Patriottica (SAP)* foi um grupo organizado por operários e camponeses dentro da Resistência Italiana, com características semelhantes ao mesmo tempo que diferia do GAP. Em um primeiro ponto, o SAP possuía um número maior de participantes, cerca de 15 a 20 combatentes, chamados de sappistas. O SAP tem seu estabelecimento em 1944, elaborado pelas Brigadas Garibaldi da Reggio Emilia, através da criação de esquadrões armados tanto na cidade quanto no campo.

Ainda que o número de mulheres associadas a *Squadre di Azione Patriottica* fosse elevado, as histórias dessas mulheres foram postas em segundo plano em defesa de uma história sempre dominada por homens. Como evidenciam Anna Maria Bruzzone e Rachele Farina (1995) durante décadas, a nível historiográfico e institucional, a contribuição das mulheres no decorrer da Resistência nunca foi reconhecido de maneira correta, ficando sempre em papel secundário, é notório que a falta de dados oficiais e documentações demonstram puramente que se trata de uma participação negligenciada. No mesmo sentido, Mirabello (2018), traz que a falta de informações a

²⁶ Iris aveva una famiglia con una tradizione socialista e antifascista e dopo l'8 settembre 1943 fu facile per lei decidere da che parte stare. Viveva in campagna e iniziò ad aiutare i ragazzi che non volevano fare i soldati nella Repubblica fascista di Salò e si rifugiavano in montagna. Dopo poche settimane si formarono i primi nuclei di formazioni partigiane, tra cui il Battaglione Corbari e Iris, l'unica donna che decise di farne parte (GREMENTIERI, 2022).

respeito das partisans dentro do SAP se deve pois ao final da guerra, com a libertação, muitas mulheres retornaram para a vida privada, puramente ligadas ao âmbito familiar, não consideraram importante oficializar sua considerável contribuição para a dura luta de resistência.

Amalia Geminiani exerceu o papel de *staffetta* durante os seus dezoito anos até os vinte anos de idade em Ravena. Nasceu em 26 de julho de 1925 em uma família que possuía os ideais socialistas, seu pai era perseguido pelo regime fascista desde o nascimento de Gagia, como era chamada Amalia. Conforme crescia, passou a entender e compartilhar os pensamentos anti-fascistas de sua família, junto com sua irmã mais nova, que também participou como *staffetta*. Após o armistício de 8 de setembro passou a participar de reuniões clandestinas, organizando emboscadas contra os fascistas na SAP, bem como, na Brigada de Garibaldi. Amalia transportava mensagens, encomendas e informações, transcorrendo às vezes uma hora de bicicleta entre as duas cidades: Voltana e Argenta. Além disso, auxiliava os feridos, uma vez que tinha um curso de enfermeira. Posteriormente, participou das primeiras bases do GDD na cidade de Alfonsine e da Unione Donne Italiane (UDI) (GREMENTIERI, 2003).

Francesca de Giovanni, chamada Edera, nasce dia 17 de julho de 1923 em Monterenzio, cidade metropolitana de Bolonha, em uma família de princípios antifascistas. Desde criança já apresentava possuir um caráter perseverante e corajoso, trabalhava auxiliando seu pai na moenda, procurava sua independência como mulher e trabalhadora em um contexto onde certas condutas e atitudes eram consideradas impróprias. Era certo que Edera não se contia, a primeira prisão aconteceu quando a jovem confronta um funcionário municipal a quem ela afirmou "estas camisas pretas... em poucos anos elas terão que desaparecer" (COMUNE DI BOLOGNA, 2020)

Ao ser questionada pelos policiais, ela justificou que havia dito a frase em tom de brincadeira, pois não estava limpa. Permanece por 15 dias encarcerada antes de ser libertada e comunicada sobre atividades subversivas. Quando retorna da prisão, se aproxima de grupos partigianos autônomos os quais organizavam ataque e sabotagens nas produções bélicas nas fábricas bolonhesas, e posteriormente, participa ativamente nas operações da 1ª Brigata Garibaldi Irma Bandiera, e na 62ª Brigata Camicie Rosse Garibaldi (ANPI, 2022). Em 1º de abril de 1944, ela é capturada e encaminhada para os fundos do Cemitério de Certosa, em Bolonha, onde um pelotão de fuzilamento a esperava. A partigiana, decide fazer o último ato de rebeldia; voltando-se para enfrentar seus executores, ela grita "Tremam! Até uma garota os assusta!" (CARDUCCI, 2012 p.52). Edera de Giovanni foi a primeira de 128 mulheres partigianas a ser executada pelas mãos nazifascistas em Bolonha, e região, aos 21 anos.

3.3 *Gruppi di Difesa della Donna (GDD)*

O *Gruppi di Difesa della Donna*, comumente chamado de GDD, teve seu estabelecimento em novembro de 1943, com o principal objetivo reunir mulheres que participaram das primeiras formações partidárias após o armistício do 8 de setembro. Primordialmente, o grupo tem seu início nas fábricas nas grandes cidades italianas, como Milão, Roma, Turim e Gênova, onde a consciência anti-fascista começou a aflorar nas mulheres, e posteriormente se estendendo, atingindo a área rural e o interior do país. Em 1944, vem a ser reconhecido pelo *Comitato di Liberazione Nazionale*, organização política e militar elaborada a partir dos principais movimentos antifascistas do país, como uma grande e importante organização de mulheres lutando contra o nazismo-fascismo.

No dia 28 de setembro, o PCI clandestino divulgou suas diretrizes para o trabalho entre as massas femininas, convidando todas as organizações e seus participantes para a elaboração dos grupos voltados à defesa da mulher. Em novembro do mesmo ano, Rina Picolato, Giovanna Barcellona, Lina Fibbi, a acionista Ada Gobetti e a socialista Lina Merlin se reuniram em Milão para fundar a associação de mulheres em busca as pela liberdade, aberta a todas as mulheres para lutar por sua emancipação, independentemente de sua fé ou política.

Em outubro de 1945, Lucia Corti pôde afirmar em seu relatório que na véspera da revolta, o número de mulheres ativistas dos Grupos de Defesa nos territórios ocupados havia chegado a 40.000, sem mencionar que "além das mulheres organizadas, milhares mais estavam se reunindo em torno dos Grupos de Defesa, dando seu apoio, preparando-se para participar da vida e lutar com sua própria vontade e experiência (ORLANDINI, 2018, p.10). Tradução nossa.²⁷

No que se refere ao crescimento e desenvolvimento do movimento, a primeira estrutura foi desenvolvida principalmente em torno de relações pessoais, de conhecimento e confiança, e teve que contar sobretudo com o compromisso das militantes dos partidos antifascistas que puderam apostar na constituição de uma realidade feminina e transversal. A grande expansão da organização se baseia sobretudo na capacidade de união entre as mulheres, reciprocidade e confiança, as mulheres também se reuniam dentro de igrejas, nas casas das participantes que arriscavam sua vida por um bem maior, a liberação da pátria.

²⁷ Nell'ottobre del 1945, Lucia Corti nel suo rapporto poteva affermare che alla vigilia dell'insurrezione le attiviste dei Gruppi di Difesa nei territori occupati avevano raggiunto le 40.000 presenze, senza contare che «oltre alle organizzate altre migliaia si stringono attorno ai Gruppi di Difesa, prestano la loro opera, si preparano ad entrare con la propria volontà ed esperienza nella vita e nella lotta (ORLANDINI, 2018, p.10).

Nesse contexto do GDD também reaparecem as grandes reivindicações por voto, trabalho e por direitos iguais como mulheres e italianas, de certo modo, a atividade dos *gruppi di difesa della donna* operavam em dois níveis: o primeiro levando em consideração a urgência relacionada à guerra e a invasão nazista, bem como, o segundo nível protegendo o futuro das mulheres italianas. As mulheres participavam de todas as atividades necessárias, seja na colaboração ativa das forças partigianas, como também na assistência aos prisioneiros de guerra, feridos prestando socorros.

Os grupos promoveram a formação de comissões nos diversos campos de atividade, que poderiam abordar a imprensa e a propaganda, assistência, organização, relações com as brigadas partidárias, até grupos de estudo e de trabalho internos; às comissões seriam compostas por um máximo de três ou quatro pessoas, uma das quais, designada como responsável, participaria do secretariado provincial, de acordo com um esquema organizacional em forma de pirâmide que levou ao topo do comitê nacional. Em cada nível, apenas uma pessoa responsável deveria ser responsável e reportar-se ao nível seguinte, de modo a garantir a proteção da atividade clandestina; no entanto, esta rede estruturada tinha que manter contato com uma participação feminina mais fluida e horizontal em cada um dos territórios de ação, já que a relação com a população civil e a comunidade feminina era a característica identificadora do movimento (ORLANDINI, 2018, p.11). Tradução nossa.²⁸

Com o passar do tempo e o avanço e crescimento da guerra, os Grupos de Defesa assumem cada vez mais localidades dentro da Itália, fortalecendo sua presença territorial, e se tornando indispensável, o número de bases cresce e totalmente das primeiras formações, dessa vez, estão presentes também as mulheres camponesas, dona de casas, jovens que eram totalmente novas no ambiente da política, muitas mulheres se familiarizam com o uso de armas e se tornaram protagonistas nas batalhas.

O GDD foi capaz de atrair mulheres de todas as classes sociais, aquelas que possuíam estudos, as que não haviam instruções e nem ao menos sabiam ler ou escrever, operárias, intelectuais, camponesas, todas as mulheres sem distinção que queriam lutar pela libertação da Itália, como destaca BRAVO (2000), uma das razões provavelmente decorre da própria natureza da Resistência, que reunia diversos sentimentos, seja medo, cansaço de uma guerra injusta, solidariedade com aqueles que passavam por perigo e também outras motivações puramente

²⁸ I gruppi promuovevano la formazione di commissioni nei vari campi di attività, che potevano occuparsi di stampa e propaganda, di assistenza, di organizzazione, di rapporti con le brigate di partito, persino di gruppi di studio e di lavoro interni; le commissioni dovevano essere composte da un massimo di tre o quattro persone, una delle quali, designata come responsabile, doveva partecipare alla segreteria provinciale, secondo uno schema organizzativo piramidale che portava al vertice del comitato nazionale. Ad ogni livello, un solo responsabile doveva essere responsabile e riferire al livello successivo, al fine di garantire la protezione dell'attività clandestina; tuttavia, questa rete strutturata doveva mantenere il contatto con una partecipazione femminile più fluida e orizzontale in ciascuno dei territori di azione, poiché il rapporto con la popolazione civile e la comunità femminile era la caratteristica identificativa del movimento (ORLANDINI, 2018, p.11).

políticas, como insatisfação com um governo que colocava as mulheres como seres incapazes e inferiores aos homens.

Através do importante trabalho de divulgação e propaganda por meio do jornal *Noi Donne* lançado em julho de 1944, uma das publicações feministas mais significativas do país, onde explicava qual papel as mulheres deveriam exercer, a responsabilidade e quais seriam os motivos para lutar contra a invasão nazista no território. Os folhetos divulgados mostravam a situação de miséria, e o sofrimento ligado ao luto, as casas perdidas durante atentados e bombardeamentos. O Gruppo clamava pela paz, por alimentos e pela liberdade, encorajava greves trabalhistas, manifestações em massa e ações violentas, exigiam baixa nos valores alimentícios, alojamento para as famílias que haviam sofrido com os bombardeios.

Os temas de apelo eram os do cotidiano em tempo de guerra: nas edições locais do "Noi donne", bem como nos folhetos distribuídos pela rede clandestina, a descrição das dificuldades e privações quotidianas impostas pela ocupação nazi era um elemento indispensável condição de interlocução, foi o princípio de todo diálogo e de todo envolvimento. As mulheres italianas sentiram todo o peso da guerra pelo luto, pelas casas destruídas, pelos sacrifícios e pelos esforços redobrados», de facto recitava o primeiro manifesto constitucional: e precisamente por isso já não era possível ficar inerte a este grave momento (ORLANDINI, 2018, p.36). Tradução nossa.²⁹

Como o exemplo abaixo, a publicação de março de 1944, tem como título: Ao lado dos combatentes pela liberdade e independência nacional. Por meio da propaganda, o GDD mostra as perspectivas de uma luta conectada às necessidades básicas para a sobrevivência, mostrando a possibilidade de uma rede de mulheres para reivindicar os materiais de primeira necessidade, como comida, combustíveis, roupas para enfrentar o inverno e medicamentos para feridos e perseguidos, expondo para as mulheres leitoras que acompanhassem o jornal, que existia um caminho, e esse percurso poderia dar um fim a miséria e tantos outros acontecimentos.

²⁹ I temi di richiamo erano quelli della vita quotidiana in tempo di guerra: nelle edizioni locali di "Noi donne", così come nei volantini distribuiti dalla rete clandestina, la descrizione delle difficoltà e delle privazioni quotidiane imposte dall'occupazione nazista era un elemento di interlocuzione indispensabile, era l'inizio di ogni dialogo e di ogni coinvolgimento. 'Le donne italiane sentirono tutto il peso della guerra attraverso i lutti, le case distrutte, i sacrifici e gli sforzi raddoppiati', recitava infatti il primo manifesto costituzionale: e proprio per questo non era più possibile rimanere inerti di fronte a questo grave momento (ORLANDINI, 2018, p.36).



FIGURA 8 - Arquivo histórico Noi Donne. (Fonte: Arquivo histórico Noi Donne, 1944. Disponível em: <https://www.noidonnearchivistorico.org/scheda-rivista.php?pubblicazione=000092>).

Ada Prospero, conhecida como Ada Gobetti nasce em Turim no ano de 1902, em uma família da pequena burguesia, Ada era professora de inglês, realizava trabalhos como tradutora da língua russa, e escrevia livros para crianças. Em 1918 conhece Piero Gobetti, um intelectual antifascista e liberal, que foi exilado mas continuou dando sua contribuição antifascista até mesmo ao exterior. Ada e Piero colaboram juntos para o jornal *Energie Nove*. Em 23 se casam, no ano seguinte se forma em letras e sociologia pela *Università degli Studi di Torino*, posteriormente nasce o fruto de seu casamento com Piero, Paolo Gobetti.

O casamento durou por três anos, até o falecimento de Piero em 1926, deixando Ada com o filho que acabara de completar dois meses de idade. Em 1937 se casa novamente, com Ettore Marchesini em meio aos seus trabalhos de professora e tradutora, e junto com ele se torna uma das principais influentes no Partido d’Azione, enquanto sua casa se transforma em um dos pontos principais para a sociedade antifascista torinese, com seu filho Paolo que havia 18 anos. Ada Gobetti escreve *Un diario partigiano*, um dos livros mais ricos e completos quando se trata do

assunto da participação das mulheres na Resistência Italiana, uma vez que Ada não era apenas uma mulher, mas também uma mãe, entre 1943 a 1945, onde conta detalhadamente todos os dias de sua rotina no decorrer do auge da Resistência. Menciona que, todos os dias escrevia em seu diário de forma indecifrável, para que apenas ela entendesse, lançando pela primeira vez em 1956. A obra inicia com a data de 13 de setembro, os aliados haviam se tornado inimigos, registra a chegada dos alemães na cidade vizinha de Turim, Chiomonte, enquanto prendiam todos os homens de 18 a 65 anos.

Tobagi (2022), destaca que enquanto as mulheres militantes da esquerda voltaram a participar de movimentos anteriores, outras mulheres, principalmente as católicas que até então eram desinteressadas na política, passam a se posicionar e participar ativamente da guerra, por necessidade, por medo, ou até mesmo para a segurança de seus filhos. O conceito de maternagem de massa representa como as mulheres estenderam seu lado materno a quem precisasse, inclusive soldados e a sociedade civil após o 8 de setembro. Como também exemplifica Bravo e Bruzzone (1995), o jovem masculino vulnerável e dependente que se volta para a mulher como uma figura forte e protetora, ou seja, uma mãe. O verdadeiro protagonismo na guerra é mostrado pelas mulheres, os homens adoecem e as mulheres tomam as coisas em suas próprias mãos, mostrando coragem, arriscam-se para sustentar suas famílias, deixam suas casas para efetuar trabalhos moralmente masculinos (BRAVO E BRUZZONE, 1995).

Além de coordenar as bandas partigianas e agir como staffetta, em 1943 junto com Maria Negarville do Partido Comunista Italiano, Irma Zampini do Partido Liberal Italiano, Medea Molinari integrante do Partido Socialista Italiano, e Anna Rosa do partido Democrático Cristão acompanhadas do grupo *Unione Donne Italiane* (UDI), garantiram o suporte médico e psicológico para mulheres que enfrentavam tempos sombrios após sofrer uma série de violência sexual e abusos por parte dos aliados, principalmente quando os mesmos se tornaram inimigos, especialmente aquelas de regiões mais pobres.

Ponzani (2012), destaca que posteriormente vêm a ser reconhecido que os estupros em massa não eram apenas uma tática de guerra, visto que ocorriam antes e depois dos combates com a com o propósito de intimidar, aterrorizar e humilhar a população, mas também eram um método real de conseguir a limpeza étnica. Ademais, quando paradas por blocos alemães as mulheres sofriam estupro como arma para confessar para qual partido clandestino trabalhavam, quem eram seus companheiros e quais emboscadas estavam planejando.

"10 de dezembro. Hoje, uma mulher comunista veio até mim para me falar sobre a organização feminina que eu devo cuidar. Ela é simples e simpática e se autodenomina Rosetta. A organização é chamada de "Grupos de Defesa das Mulheres e pela assistência aos combatentes da liberdade". Não gosto. Primeiro, é muito longo, e segundo, por que "defesa" das mulheres e "assistência"? Não seria mais simples dizer "combatentes da liberdade" também para as mulheres? Entretanto, li o esboço de um manifesto que os grupos deveriam distribuir; e o tom me pareceu correto. Não fala de forma alguma dos direitos das mulheres, como a palavra "defesa" poderia sugerir; em vez disso, tenta explicar às mulheres simples o que significa nossa guerra e como, como mulheres, elas podem colaborar nela" (GOBBETI, 2014, p. 56). Tradução nossa.³⁰

Posteriormente, se torna a primeira mulher a ocupar o cargo de vice-prefeita de sua cidade natal, Turim entre 1945 e 1946, durante sua vida na política sempre buscou destacar o quão grandiosas e importantes foram a participação das mulheres na Resistência. Gobetti recebe a medalha de prata pela valentia militar e por sua total dedicação à educação e assistência.

³⁰ 10 dicembre. Oggi una donna comunista è venuta da me per parlarmi dell'organizzazione femminile di cui dovrei occuparmi. È semplice e amichevole e si fa chiamare Rosetta. L'organizzazione si chiama "Gruppi per la difesa delle donne e per l'assistenza ai combattenti per la libertà". Non mi piace. Primo, è troppo lungo e secondo, perché "difesa" delle donne e "assistenza"? Non sarebbe più semplice dire "combattenti per la libertà" anche per le donne? Tuttavia, ho letto la bozza di un manifesto che i gruppi avrebbero dovuto distribuire e il tono mi è sembrato giusto. Non parla affatto di diritti delle donne, come potrebbe suggerire la parola "difesa"; cerca invece di spiegare alle semplici donne cosa significa la nostra guerra e come, in quanto donne, possono collaborare ad essa (GOBBETI, 2014, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O status da mulher na história do ocidente tem sido um caminho lento em direção à igualdade de gênero. O sexo feminino sempre foi considerado o mais fraco. Independentemente deste fator, as mulheres foram em busca de sua emancipação, iniciada no século XIX, e atingida seu auge no decorrer do século XX em muitos países, como a Itália. A primeira onda feminista, também considerada como o feminismo da igualdade, buscava pela eliminação das diferenças entre os sexos estabelecidos culturalmente no mundo ocidental e que geravam discriminação, submissão e rejeição, elencando os direitos ao voto, por melhorias nas condições de trabalho, uma vez que, as mulheres acabaram de inaugurar sua participação no ambiente trabalhista. Acima de tudo, foi um movimento idealizado por mulheres brancas, de classe média a alta que na maioria das vezes já possuía visibilidade na sociedade da época.

As feministas seguramente reconheceram a relevância emblemática do voto. Significava a possibilidade de as mulheres atuarem juntas além das fronteiras nacionais para transformar o mundo em que elas viviam. Durante a Revolução Francesa, foi elaborado O Direito do Homem e do Cidadão, que constituiu a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Porém, as mulheres não foram contempladas no documento, o que deu origem a vários movimentos de intelectuais francesas como Olympe de Gouges e a inglesa Mary Wollstonecraft.

A industrialização redefiniu o papel das mulheres de classe baixa no lar, ao mesmo tempo em que lhes proporcionou novas oportunidades como empregadas na indústria, uma vez que, tornou-se indispensável a contratação de profissionais para manutenção das máquinas. Porém, ao mesmo passo que permite que a mulher comece a trabalhar fora de casa, obriga a mulher a possuir uma dupla jornada de trabalho, pois, além do trabalho em fábricas, as mulheres deveriam gerenciar os afazeres do lar, chamado de trabalho reprodutivo não-remunerado. Por outra perspectiva, as mulheres de classe baixa, proletárias, buscavam outras alternativas, como a redução da jornada de trabalho, direito à instrução, uma vez que por não possuir estudos, a mulher ficava limitada ao ambiente doméstico, isto é, o combate a exploração sofridas pelas operárias, sob responsabilidade de importantes revolucionárias, como Flora Tristan, Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin.

Através dos esforços das primeiras ativistas feministas ocorrem as primeiras manifestações acadêmicas a respeito os Estudos da Mulher, que se encarrega de levantar questões de gênero enraizadas na sociedade, como também questões de raça, classe e etnia, incluindo também os

conceitos de cultura que justificam os meios os quais as mulheres estão inseridas. Nesse sentido, o Estudos da Mulher tentou resgatar a história de mulheres que até então haviam sido excluídas e negligenciadas. Ainda que com toda a mobilização por parte de mulheres trabalhadoras e intelectuais, foi necessário uma segunda onda, visto que, os direitos mais simples ainda não haviam sido conquistados. Na Itália os estudos feministas são influenciados pela pioneira Anna Maria Mozzoni, que dedicou-se a estudar sobre direitos igualitários entre homens e mulheres, bem como, a emancipação feminina. Mozzoni foi uma das primeiras a mobilizar-se pela legalização do voto para as mulheres italianas.

A segunda Onda Feminista tem seu início nos Estados Unidos, mas logo acaba expandindo para outros países do Ocidente. Fica demarcada pelo período entre as duas guerras, entre 1960 a 1980, onde as mulheres passam a exercer outras funções dentro da sociedade quando os homens vão para o fronte e as mulheres transformam-se em chefes de família, ocupando todo o espaço deixado pelo homem. As principais pautas englobam os direitos reprodutivos, direito ao divórcio, violência doméstica e sexual e segurança, estimulado pelo livro *The Feminine Mystique* da autora Betty Goldstein, que menciona de que forma o casamento e a maternidade complexificam a vida da mulher. Além disso, a Segunda Onda tem como emblema “o pessoal é político” de Carol Hanish, o qual demonstra que os problema das mulheres também são políticos e devem ser levado com austeridade, independente se forem problemas relacionados a pressão estética, não devem ser negligenciados e postos em segundo plano, como também surgem então novas correntes do movimento feminista.

Posteriormente, as Teóricas da Terceira Onda Feminista argumentam sobre a falta de representatividade e a necessidade de abordar mais profundamente as questões de raça, etnia, classe e identidade. Surge então o movimento do Feminismo Interseccional. As teorias femininas de Relações Internacionais passam a fazer parte da disciplina entre os anos 1980 a 1990, com uma grande lacuna de atraso e conservadorismo em comparação às outras disciplinas, tal como a Ciência Política. Aqui faz-se necessário relembrar que as Relações Internacionais surgiram com a Primeira Guerra Mundial, buscando soluções e teorias para evitar uma segunda guerra.

No que tange a importância da Teoria Feminista para as Relações Internacionais se justifica no empenho para questionar a falta de atuação das mulheres dentro das teorias tradicionais de RI, em assuntos anteriormente desconsiderados, sendo notório a ausência de reconhecimento durante as decisões, como se a vida das mulheres não tivesse tanta relevância, bem como, o patriarcado e as questões de gênero. Uma questão que passa a ter importância na política internacional é o estupro

como arma de guerra, uma vez que os estupros são comuns em cenários de guerra, sendo usados por soldados para realizar a limpeza étnica, e como forma de humilhar toda uma nação.

Em um primeiro ponto, as mulheres perderam seus postos de trabalho através do decreto 2480 de 9 de dezembro do ano de 1926, que impossibilitava as professoras de filosofia, literatura e história de encarregar-se de sua profissão. Posteriormente, de forma a valorizar os homens, o decreto de 28 de novembro de 1933 proibiu que mulheres tivessem acesso a cargos superiores a homens. Para que a mulher não tivesse acesso a instruções, e desestimulasse a busca pela independência feminina, o valor das mensalidades tiveram seus preços duplicados. Essas ações também abalam principalmente as mulheres que pobres, mas por mais bem assegurada que a mulher tivesse, sofreram da mesma forma com as medidas anti-femininas. A doutrina exposta por Mussolini pretendia que os homens fossem responsáveis pelo sustento familiar, enquanto as mulheres deveriam por força ocupar-se apenas dos afazeres domésticos (BIGNAMI, 2019).

Com a chegada da Resistência, o cenário político e militar na Itália após o armistício, o qual se opuseram ao nazi-fascismo, no âmbito da guerra de libertação italiana, as mulheres tiveram grande papéis de destaque, atuando como *staffette*, que era o cargo responsável pela transmissão de mensagens entre os batalhões e comandantes, como também, o transporte de armas e dispositivos bélicos, sem esse papel não seria possível saber quando realizar emboscadas, nem mesmo quando estavam chegando os soldados para atacar um novo local. Esse papel era sem dúvidas muito perigoso, uma vez que, as mulheres percorriam grandes distâncias sozinhas de bicicleta, com grandes chances de serem paradas por um batalhão alemão.

Com a chegada do primeiro conflito, como evidência Scanavio (2003), o cenário de bélico traçou o caminho das mulheres para a emancipação, transportando consigo modificações e novas possibilidades para as mulheres, como o trabalho fora de casa, a disponibilidade de um salário, ainda que pequeno e injusto. Embora houvesse tantos sacrifícios a serem enfrentados durante a guerra. As mulheres desde o início apoiaram a guerra esperando receber como retribuição direitos básicos, como por exemplo, o direito ao voto que tanto almejavam. Porém, com o fim da guerra, as mulheres foram forçadas a preencherem novamente a posição que ocupavam antes, principalmente sob o avanço do regime fascista na Itália, o qual agrava a situação feminina no país, pois através de uma série de providências nos âmbitos reprodutivos, familiares e trabalhista, o fascismo submeteu a mulher para uma posição social ainda mais baixa, como meras reprodutoras.

A estreia das mulheres no movimento clandestino ocorreu em 1941 através de ações e protestos contra a falta de alimento dos supermercados, como também o aumento dos mantimentos

disponíveis, esse acontecimento ficou conhecido como “*sciopero del pane*”. Muitas delas entram para o movimento por influência familiar, por ter crescido em um ambiente antifascista, outras agiram por impulso e esgotamento de uma situação sufocante, onde pessoas conhecidas morriam todos os dias, amigos judeus que desapareciam misteriosamente, queriam deter as atrocidades que ocorriam em seu países, incluído a oposição contra o regime fascista que insistia em demonstrar as mulheres como seres incapazes e inferiores. Além disso, as mulheres também se ocuparam como enfermeiras no auxílio aos prisioneiros, feridos, mas sobretudo, ocuparam um papel de destaque como combatentes nos grupos como *Gruppi di Azione Patriottica*, *Squadra d’Azione Patriottica* e *Gruppo di Difesa della Donna*.

Carla Capponi é um grande exemplo de perseverança, atuou no *Gruppi di Azione Patriottica*, como o nome de batalha Elena aderiu aos movimentos antifascistas em convite de uma amiga que a pediu um grande favor, de elaborar uma reunião do PCI em sua casa, e como consequência, seu lar se torna um dos mais importantes polos militantes em Roma. Capponi ressalta em seu livro *Con cuore di Donna* que sofreu preconceito por parte dos companheiros homens, que não queriam a fornecer armas, inicialmente participava de ações menores, como auxílio aos feridos, distribuição de mantimentos e envolvia-se com a divulgação de propagandas anti-fascistas. Carla é conhecida por ser a partigiana que libertou a capital italiana, Roma, começando pela ação importante na Via Rasella, onde carregava dispositivos e bombas dentro de uma sacola de compras, escondidos por legumes. Recebe Medalha de Ouro por sua valentia e coragem.

Assim como Capponi, Irma Bandiera também cresceu em uma família antifascista. Fez parte do 7º Gruppo di Azione Patriottica, com o nome de batalha Mimma, foi a primeira entre as mulheres da região de Bolonha a lutar. Em agosto de 1944, Irma foi torturada por sete dias, mas se manteve firme até o final, sem divulgar nenhuma informação importante sobre seus companheiros, demonstrando grande coragem, mesmo quando ameaçaram seus filhos. Irma Bandiera recebe após a morte a medalha de ouro.

Tina Anselmi aos seus 17 anos, veneziana, passa a atuar na Resistência com o nome de Gabriella, após um grupo de nazistas entrou em sua escola e levou os alunos forçados a assistir o enforcamento de 36 alunos por represálias. Da mesma forma que as citadas anteriormente, Íris Versari inicia sua participação na Resistência após o 8 de setembro, abrindo as portas da propriedade da família para socorrer feridos e partisans. Morreu em 18 de agosto de 1944, condecorada com medalha de ouro após a morte. Amalia Geminiani como staffetta participa

juntamente do grupo Squadre d'Azione Patriottica, após o armistício passa a se interessar por política, e a frequentar reuniões clandestinas do SAP.

Edera de Giovanni foi uma partigiana de Bolonha, participou da 1ª Brigata Irma Bandiera, e da 62ª Brigata Camicie Rosse Garibaldi, ficou conhecida como um dos símbolos da Resistência feminina quando antes de ser fuzilada por um grupo de nazistas proferiu a seguinte frase: “Tremam, até uma garota os assusta!” (CARDUCCI, 2012 p.52), como também por ser a primeira mulher partigiana executada em Bolonha.

O *Gruppi di Difesa della Donna*, popularmente chamado GDD, foi constituído em novembro de 1943, com o propósito principal de reunir as mulheres que haviam participado das primeiras formações partidárias posteriormente ao armistício de 8 de setembro. Giovanna Barcellona, Lina Fibbi, Ada Gobetti e Lina Merlin, reuniram-se na região de Milão para formar essa união de mulheres que buscava sobretudo a liberdade e paz, independente de qual fosse a participação política dessas mulheres, todas eram bem-vindas independente de suas crenças. Do mesmo modo, elas buscavam também pelos direitos de voto que ainda não tinha sido garantidos as mulheres italianas. Posteriormente, o GDD começa a se alastrar para outras regiões da Itália. Efetuaram um importante trabalho na divulgação da propaganda antifascista, através do estabelecimento do jornal *Noi Donne*, que vem a ser um dos jornais voltados para o público feminino mais prestigiados do país.

Ada Prospero, famosa como Ada Gobetti se tornou uma das figuras mais importantes do Partido d'Azione, transformando sua casa em um ponto focal para a militância antifascista em Turim, participando primeiramente como staffette, bem como, sistematizando as bandas partigianas junto de seu filho de 18 anos, Paolo. Além do mais, juntamente com outras partisans, estabeleceu um grupo que se encarrega de cuidar de mulheres que sofriam violência sexual por parte dos nazistas. Ada é responsável por uma das bibliografias mais completas que existem até hoje a respeito da participação feminina durante a Resistência Italiana, uma vez que, escrevia em seu diário dia após dia, contendo importantíssimas informações. Após a Resistência, Ada Gobetti se ocupa ainda mais da vida política, atuando como vice-prefeita de Turim, lembrando sempre da grandiosidade que foi a participação feminina na Resistência Italiana. Recebe a medalha de prata por todos seus esforços realizados.

Como mencionado por Bruzzone e Farina (1995), a contribuição das mulheres na Resistência não recebeu o devido valor, uma vez que de 35.000 mulheres, apenas 19 vem a serem valorizadas, algumas apenas após sua morte, uma vez que, ao final da guerra apenas foram

condecorados os partisanos que já estivessem há pelo menos três meses participando de ações de guerra devidamente reconhecidas, o que deixa muitas mulheres de lado, uma vez que as mulheres participaram assiduamente, mas em grupos clandestinos (ZAGO, 2004).

A partir da discussão desenvolvida neste trabalho, através de uma análise bibliográfica de caráter qualitativo foi possível confirmar a hipótese de que as mulheres italianas de diferentes idades, classes sociais, constituíram um papel fundamental na luta contra o nazifascismo, atuando de diferentes formas, lutando lado a lado com os homens. Entretanto, mesmo 77 anos após o início do movimento antifascista italiano, faltam pesquisas e publicações sobre a contribuição da mulher durante o movimento de oposição ao fascismo. A falta de dados quantitativos precisos relacionados à participação das mulheres nos grupos como GAP, SAP e GDD dificulta a análise completa dos fatos, certamente, os números são infinitamente maiores do que aqueles que temos acesso atualmente. As histórias de muito sofrimento e dedicação por parte das mulheres foram esquecidas em grande parte dos livros de história, dificultando o resgate dos testemunhos. Faz-se necessário continuar os estudos acerca da luta partigiana feminina, valorizando os registros deixados pelas participantes como Carla Capponi e Ada Gobetti, bem como, estudiosas que se empenharam a recolher os últimos testemunhos, trazendo um pouco de justiça póstuma, em uma sociedade que entre negacionistas e ignorantes, corre-se o risco de perder a noção dos fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANO, Jomarie. **Armado com uma Mimosa Amarela: Grupos de Defesa e Assistência Feminina na Itália, 1943-45.** *Jornal de História Contemporânea*, (2003). 38(4), 615–631. doi:10.1177/00220094030384006

ALANO, Jomarie. “**Armed with a Yellow Mimosa: Women’s Defence and Assistance Groups in Italy, 1943-45.**” *Journal of Contemporary History*, vol. 38, no. 4, 2003, pp. 615–31. *JSTOR*, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3180712>>. Acesso em: 4 Dec. 2022.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra não tem rosto de mulher.** 1. ed. atual. [S. l.]: Companhia das Letras, 2016. 392 p.

AMARANTE, Maria Inês. **Flora Tristan: jornalismo militante em tempo de revoltas.** *Revista Katálysis*, v. 13, p. 110-118, 2010.

ANDREASSY, Erika. **Sobre a origem da opressão da mulher.** *Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1-15, 1 abr. 2018. Disponível em: <https://www.sintrajud.org.br/wp-content/uploads/2018/04/sobre-a-origem-da-opressao-da-mulher_ErikaAndreassy.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2022.

ANSEMI, Tina. **Zia, cos'è la Resistenza?.** [S. l.]: Bibò, 2003. 80 p. ISBN 88-8176-442-3.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ARNALDI, Giulia. **Partigiane tra guerra e dopoguerra:: donne e politica in Veneto.** 2021. 118 f. Tese (Storia dell'arte) - Università degli Studi di Padova, Padova, 2022. Disponível em: <https://thesis.unipd.it/bitstream/20.500.12608/11531/1/Arnaldi_Giulia.pdf> Acesso em: 28 nov. 2021.

ARRUZZA, Cinzia, et al. **Feminism for the 99%.** Tantor Media, Incorporated, 2019. Accessed 23 Jul 2022.

BALZACQ, Thierry; BAELE, Stéphane J. **The third debate and postpositivism.** In: *Oxford Research Encyclopedia of International Studies*. 2014.

BARBIERI, A. Ricordando Tina Anselmi. **La legge sulla parità di trattamento nel Lavoro del 1977 tra il contesto internazionale e la sua soggettività.** *Diacronie. Studi di Storia Contemporanea*, n. N° 34, 2, 29 jun. 2018.

BARBOSA, Elionete Rodrigues. **O feminismo e o feminino em um útero é do tamanho de um punho, de Angelica Freitas.** 2021. 1-92 f. Dissertação de Pós Graduação (Letras) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60036/5/2021_dis_erbarbosa.pdf> Acesso em: 22 nov. 2022.

BATTAGLIA, Roberto. **Breve storia della Resistenza italiana.** [S. l.]: Einaudi, 1975. 238 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo (1949)**. Trad. Sérgio Milliet, v. 4, 1980.

BIGNAMI, Elena. **Le donne nel movimento anarchico italiano**. San Giovanni, 2018 Minimesis. 192 p. ISBN 8857547663.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. Boitempo Editorial, 2015.

BLANCHARD, Eric M. Gender, **International Relations, and the Development of Feminist Security Theory**. The University of Chicago Press, Chicago, v. 28, n. 1, p. 1-10, 1 dez. 2003. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/368328>> Acesso em: 15 nov. 2022.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **A condição histórico-social da mulher na perspectiva socialista: um estudo das trajetórias de Rosa Luxemburgo e Alexandra Kollontai**. 2013.

BOLOGNA, Comune di. **Il Martirio di Irma Bandiera**. Bologna Online, 2021. Irma Bandiera. Disponível em: https://www.bibliotecasalaborsa.it/bolognaonline/cronologia-di-bologna/1944/il_martirio_di_irma_bandiera. Acesso em: 4 dez. 2022.

BONTEMPELLI, Massimo. **La resistenza italiana**. Roma: Cucc Editrice, 2011. 320 p. v. 2.

BRAVO, Anna; BRUZZONE, Anna Maria. **In guerra senza armi: Storie di donne 1940-1945**. 1. ed. rev. [S. l.]: Laterza, 2000. 236 p.

BROWN, Mitchell; MOORER, Regina. **Gender and Women's Studies, Applied Research**. International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences, [S. l.], n. 2, p. 736-741, 1 jan. 2015.

BRUZZONE, Anna Maria; FARINA, Rachele. **La Resistenza taciuta. Dodici vite di partigiane piemontesi**. Roma: Bollati Boringhieri, 2016. 312 p.

BUSKIE, Alexandra. **How Significant is Feminism's Contribution to IR?** Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2013/03/17/how-significant-is-the-contribution-of-feminism-to-ir/>>. Acesso em: 29 julho. 2022.

CACCUCCI, Pino. **Nessuno può portarti un fiore**. 1. ed. [S. l.]: Feltrinelli, 2012. 205 p.

CAMPOS, Luna Ribeiro. **Socialismo, gênero e trabalho: uma análise da União Operária, de Flora Tristan**. Plural-Revista de Ciências Sociais/USP, v. 28, n. 2, p. 11-27, 2021.

CAPPONI, Carla. **Con cuore di donna: Il Ventennio, la Resistenza a Roma, via Rasella: i ricordi di una protagonista**. 2. ed. rev. [S. l.]: Il Saggiatore, 2009. 318 p. Ebook (318 p).

CASAGRANDE, Rafaela Zanotto. **O Sufrágio e a Primeira Onda Feminista**. Faculdade de Letras-Universidade de Coimbra, 2018.

CAZZULLO, Aldo. **Possa il mio sangue servire**. Mondadori: Rizzoli, 2015. 1-596 p. v. 1. Ebook.

COCCIA, Annalisa. **Fascismo: un'analisi interpretativa**. Cattedra di Storia Contemporanea, Roma, ano 2015, v. 1, p. 1-54, 1 set. 2015. Disponível em: <<https://tesi.luiss.it/15169/1/071102.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2022.

CONGRESS, Library of. **Marcha das mulheres nos Estados Unidos**. Library of Congress: [s. n.], 1970. Marcha das mulheres nos Estados Unidos. Disponível em: <https://loc.gov/pictures/resource/ppmsca.03425/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

COELHO, Mainara Gomes Cândida et al. **Corpos em campos de batalha: o estupro de mulheres como arma de guerra**. 2021.

COVOLAN, Luísa Simon. **Relações Internacionais através de uma abordagem feminista**. In: Congresso de Direitos Humanos do Centro Universitário da Serra Gaúcha. 2018. p. 45-48.

D'AMELIO, Dana. **Italian Woman in the Resistance: World War II**. Italian Americana, Illinois, v. 19, n. 2, p. 127-141, 28 nov. 2015.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. **As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas**. Revista de Direitos Humanos em Perspectiva, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

DE FRANÇA, Ana Letícia; SCHIMANSKI, Édina. **Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar** (Women, work and family: analysing feminine work and its consequences to family affairs. Emancipação, v. 9, n. 1, 2009.

DE JESUS, Cassiano Celestino; ALMEIDA, Isis Furtado. **O movimento feminista e as redefinições da mulher na sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. Boletim historiar, n. 14, 2016.

DEGRAZIA, Victoria. **Le donne nel regime fascista: il fascismo ha emancipato le donne?**. Marsilio, 1997.

DE MARCHI, Elena. **Donne, Fascismo e Resistenza: Un itinerario storico e storiografico**. Per la storia, Mondadori, v. 1, p. 1-10, 1 jan. 2015.

DEROSSI, Laura. **Se ottantaquattro anni vi sembrano pochi: Un percorso bibliografico attraverso due secoli di storia delle donne**. Università di Torino, Torino, v. 1, n. 1, p. 1-29, 1 jan. 2000.

DI BOLOGNA, Comune. **“Edera” De Giovanni la prima partigiana uccisa dai fascisti**. In: “Edera” De Giovanni la prima partigiana uccisa dai fascisti. Bologna: Comune di Bologn, 17 jul. 2021. Disponível em: <<http://www.comune.bologna.it/sites/default/files/documenti/Edera%20biografia.pdf>> Acesso em: 2 dez. 2022.

EMMANUELLI, Monica. **Il sole, il respiro, il colore dell'aria**: Medaglia d'oro al valor militare (1943-1945). 2. ed. Roma: Biblion, 2021. 152 p. v. 1.

FARIAS MONTEIRO, K.; GRUBBA, L. S. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas.** *Direito e Desenvolvimento*, v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva.** Editora Elefante, 2019

FINCARDI, Marco. **L'Italia bombardata.** *Italia Contemporanea*, Venezia, ano 2008, v. 1, p. 1-30, 1 ago. 2008.

FINOCHIARO, Laura Fournier. **Anarchismo e femminismo nelle riviste La donna libertaria (1912-1913) e L'Alba libertaria (1915).** *Laboratoire italien politique et société*, Paris, p. 1-40, 1 jan. 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/laboratoireitalien/6955?lang=en>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

FLORES, Marcelo; FRANZINELLI, Mimmo. **História da Resistência.** Editora GLF Laterza, 2019.

FRIEDAN, Betty. **Beyond gender: The new politics of work and family.** Woodrow Wilson Center Press, 1997.

FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique.** Penguin Books, 1992. Accessed 24 July 2022.

GARCIA GARZON, DARÍO et al. **EL GÉNERO EN LA DISCIPLINA TEOLÓGICA. O ol. Xave.** Bogotá, v. 59, n. 167, pág. 101-128, janeiro de 2009. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio. 2022.

GAZZETTA, Liviana. **Orizzonti nuovi: storia del primo femminismo in Italia (1865-1925).** Viella Libreria Editrice, 2021

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GOBETTI, Ada. *Diario Partigiano.* **Con cuore di donna.** [S. l.]: Einaudi, 2021. 1-463 p. v. 1. ISBN 1.

GREMENTIERI, Carla. **Iris Versari e la Resistenza delle Donne.** Verità e Leggenda. Vespignani Editore, 2003. *La Resistenza delle Donne.*

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, FAPA, 1999.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

HANISCH, Carol; FIRESTONE, Shulamith; KOEDT, Anne. **Notes from the second year: women's liberation.** 1970

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1975.** Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo, 2000.

HOOKS, Bell. *Teoria Feminista - Da Margem Ao Centro*. 1 ed., vol. 2, ., 01-021-2019.

KENNEY, Annie; PANKHURST, Christabel. **Líderes da União Social e Política das Mulheres. 1908.** Annie Kenney e Christabel Pankhurs. Disponível em: <http://www.hastingspress.co.uk/history/sufpix.html>. Acesso em: 9 nov. 2022.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho** (M. Nobre, Trad.). Paris: PUF, 2000.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual** [1918]. Rio de Janeiro: Global, 1978.

LAKATOS, E. M., & MARCONI, M. D. A. (2010). **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008. *Metodologia do trabalho científico*, 6, 41.

LENIN, Vladimir.; ZETKIN, Klara. **On the emancipation of women**. Moscow: Progress Publishers, 1965.

LUSUARDI, Chiara. **Donne e Resistenza: Leggere la Resistenza con la stampa clandestina**. Festival dei Diritti Umani , Mantova, p. 1-5, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://festivaldirittiumani.it/wp-content/uploads/2019/04/Donne-e-resistenza.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

MAFAI, Miriam. **Pane Nero: Donne e vita quotidiana nella Seconda guerra mondiale**. [S. l.]: Rizzoli Libri, 2008. 320 p. ISBN 9788831807715.

MAIA, Denise Santana. Alexandra Kollontai: **Memória, reflexões e lutas pela libertação da mulher**. 2017.

MARCASSA, Luciana. Friedrich Engels. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Revista de Educação, v. 9, n. 9, 2006.

MARTINEZ, M; HELLER, B. **A guerra não tem rosto de mulher: Svetlana Aleksievitch reescreve a Segunda Guerra Mundial**. E-Compós, (2020). 23. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1990>.

MENAPACE, Lidia. **Io partigiana. La mia resistenza**. [S. l.]: Mani, 2014. 200 p. v. 1.

MIRABELLO, Maria C. **S.A.P. Squadre Azione Patriottica**. Disponível em: <http://www.isrlaspezia.it/strumenti/lessico-della-resistenza/s-a-p-squadre-azione-patriottica/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MONTE, Izadora Xavier do **O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais**. Revista Estudos Feministas [online]. 2013, v. 21, n. 1 [Acessado 25 Julho 2022] , pp. 59-80. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100004>. Epub 09 Maio 2013. ISSN 1806-9584.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas**. *Direito e desenvolvimento*, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017

NARAIN, S. **Gênero nas Relações Internacionais: Perspectivas Feministas de J. Ann Tickner.** Revista indiana de estudos de gênero . 2014;21(2):179-197. doi: [10.1177/0971521514525085](https://doi.org/10.1177/0971521514525085)

NICODEMOS, Nayara Kallyne Quirino Ferreira. **“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”:** um debate acerca da **Identidade Social da Mulher.** 2021. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

ORLANDINI, Laura. **La democrazia delle donne: I Gruppi di Difesa della Donna nella costruzione della Repubblica (1943-1945).** BraDypUS, Emilia Romagna, ano 2018, v. 1, n. 9788898392728, p. 166, 2 jan. 2018.

PAIVA, Isadora Campregher. **A escola feminista nas relações internacionais: bases teórico-metodológicas.** 2014.

PANTALONI, Alberto. **Fascismo, guerra, Resistenza: Le scelte delle donne.** [S. l.], p. 1-30, 30 jun. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/11329233/Fascismo_guerra_Resistenza_Le_scelte_delle_donne. Acesso em: 31 out. 2022.

PELLI, Santo. **Storie di Gap. Terrorismo urbano e Resistenza.** [S. l.]: Einaudi, 2014. 279 p. v. 1. ISBN 9788806222857.

Pereira, A. V. D., & Rios, M. B. L. (2020). **Rosa para as Marielles.** *Historiæ*, 10(1), 121–136. Recuperado de <https://seer.furg.br/hist/article/view/10994>

PEREIRA, Demetrius Cesario; ROCHA, Rafael Assumpção. **Debates teóricos em Relações Internacionais: origem, evolução e perspectiva do “embate” Neo-Neo.** Revista de Relações Internacionais da UFGD, [S. l.], p. 2015, 5 mar. 2015.

PERROT, Michele. **Em: As mulheres ou os silêncios da história .** 2005. pág. 519-519.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros .** Editora Paz e Terra, 2017.

PETRICOLA, Elena. **Parole da cercare: alcune riflessioni sul rapporto tra femminismo e movimenti politici negli anni Settanta.** p. 199-223, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim **Feminismo, história e poder.** Revista de Sociologia e Política [online]. 2010, v. 18, n. 36, pp. 15-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>. Acesso em: 14 Out 2022.

PONZANI, Michela. **Guerra alle donne: Partigiane, vittime di stupro, amanti del nemico (1940-45).** 1. ed. [S. l.]: Giulio Einaudi, 2012. 320 p. ISBN 9788806206895.

QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. **PREFÁCIO: Mary Wollstonecraft e o nascimento do feminismo.** In: WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos direitos da mulher. [S. l.: s. n.], 2016. cap. 1, p. 1-10. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o

3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022.

ROELOFS, Joan. *Alexandra Kollontai: Socialist Feminism in Theory and Practice*. International Critical Thought, 2018, 1–10. doi:10.1080/21598282.2017.1419436

ROMAGNA, Emilia. **Donne e Uomini della Resistenza: Edera Francesca De Giovanni**. Disponível em: <<https://www.anpi.it/donne-e-uomini/2471/edera-francesca-de-giovanni>>. Acesso em: 4 dez. 2022.

ROSSINI, Ilenia. **Un fiore che non muore: La voce delle donne nella Resistenza italiana**. Roma: Red Star Press, 2016. 184 p. ISBN 9788867181391.

RUNYAN, AS, & Peterson, VS (2014). **Questões Globais de Gênero no Novo Milênio** (4ª ed.). Routledge. Disponível em: <<https://doi.org/10.4324/9780429493782>>

SANNA, Adele. **Partigiane e scrittrici: “Si senti più alto” di Ada Gobetti e “La grande occasione” di Renata Viganò. Carte Italiane**, UCLA, v. 11, p. 144-159, 17 nov. 2017. DOI <https://doi.org/10.5070/C9211028784>. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/7tf085fj>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SASSANO, Roberta. **Camice Nere: Le donne nel Ventennio Fascista**. Università degli Studi di Foggia, Foggia, v. 1, p. 28, 3 mar. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.14516/fdp.2015.006.001.011>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SCHMIDT, Carl. **Teoria del partigiano. Integrazione al concetto del politico**. [S. l.], p. 1-100, 18 maio 2005

SCOTT, Joan W. **Universalism and the History of Feminism**. differences, v. 7, n. 1, p. 1-14, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SECCHIA, Pietro; FRASSATI, Filippo. **Storia della resistenza: La guerra di liberazione in Italia 1943-1945**. Roma: Riuniti, 1965. 551 p.

SERRI, Mirella. **Mussolini ha fatto tanto per le donne!: Le radice fasciste del maschilismo italiano**. Milão: Longanesi, 2022. 272 p. ISBN 9788830460423.

SILVA, Danielle Jardim da. **Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai**. 2018.

SMITH, Bonnie G. *Women's Studies: The Basics*. 1 ed., vol. 1, Routledge, 2013. Accessed 12 July 2022.

STREICH, Nina. **Le donne nel fascismo italiano: Come e perché hanno appoggiato il sistema?**. 2. ed. Itália: Term Paper, 2008. 31 p.

STROMQUIST, Nelly P. (2001). **Gender studies: A global perspective of their evolution contribution, and challenges to comparative higher education.** , 41(4), 373–387.
doi:10.1023/a:1017501308449

TICKNER, J. Ann et al. **Gênero nas relações internacionais: perspectivas feministas para alcançar a segurança global** . Columbia University Press, 1992.

TICKNER, J. Ann; SJOBERG, Laura. **Feminismo e Relações Internacionais: Conversas sobre o passado, presente e futuro.** 1. ed. rev. Londres: [s. n.], 2011. 1-200 p. ISBN 9780415584609. Disponível em:
<<https://www.routledge.com/Feminism-and-International-Relations-Conversations-about-the-Past-Present/Tickner-Sjoberg/p/book/9780415584609>> Acesso em: 29 jul. 2022.

TOBAGI, Benedetta. **La Resistenza delle donne.** Roma: Einaudi, 2022. 366 p. v. 1.

TRINCADO, Estrela. **A atualidade do pensamento de Rosa Luxemburgo.** Estudos Socialistas/Études Socialistes, 2010.

TRISTAN, Flora. **União Operária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

VENTRONE, Angelo. **Italia 1943-1945: le ragioni della violenza.** Amnis. Revue d'études des sociétés et cultures contemporaines Europe/Amérique, 2015.

VENETO, Nè una lavoratrice né una macchina. 1. ed. Noi Donne, 1944. **Archivio Storico Noi Donne.** Disponível em:
<https://www.noidonnearchivistorico.org/scheda-rivista.php?pubblicazione=000092>. Acesso em: 19 dez. 2022.

VIERA, Amanda dos Santos; SOUZA, Greyce Kelly de; BURATTO , Letícia Hérica. **Feminismo e Gênero.** III Seminário de Filosofia e Sociedade, Universidade do Extremo Sul Catarinense, p. 1-10, 1 fev. 2017.

VIGANO, Renata. **Donne della Resistenza.** Bologna: S.T.E.B Bologna, 1955.

VIGANÒ, Renata; VASSALI, Sebastiano. **L'Agnese va a morire** . Einaudi, 1974.

VISENTINI , Paulo Fagundes. **História mundial contemporânea (1776-1991): Da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética.** 3. ed. rev. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2012. v. 3.

ZAGO, Helene. **Le donne nella Resistenza. La Resistenza e le donne : La partecipazione femminile al movimento di Liberazione,** [s. l.], 1 jan. 2004.

ZETKIN, Clara. **Reminiscences of Lenin.** International Publishers, New York, 1934.

